



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS
Programa de Pós-graduação em Enfermagem –
Mestrado – PPGENF

Micheline Barros de Mesquita

**Páginas de Representações da Enfermagem na História, por Waleska
Paixão (1951 – 1979)**

Rio de Janeiro
2015

Micheline Barros de Mesquita

**Páginas de Representações da Enfermagem na História, por Waleska Paixão
(1951 – 1979)**

Nursing Representations Pages in History, by Waleska Paixão (1951 – 1979)

**Páginas de las Representaciones de la Enfermería en la Historia, por Waleska
Paixão (1951 – 1979)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Almerinda Moreira

Co-Orientador: Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim

Rio de Janeiro

2015

M582 Mesquita, Micheline Barros de.
Páginas de representações da enfermagem na história, por Waleska Paixão
(1951-1979) / Micheline Barros de Mesquita, 2015.
90 f. ; 30 cm

Orientadora: Almerinda Moreira.

Coorientador: Wellington Mendonça de Amorim.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

1. Enfermagem - História. 2. Enfermagem. 3. Obras de referência.
I. Moreira, Almerinda. II. Amorim, Wellington Mendonça. III. Universidade
Federal do Estado do Rio Janeiro. Centro de Ciências Biológicas e de Saúde.
Curso de Mestrado em Enfermagem. IV. Título.

CDD – 610.730692

Micheline Barros de Mesquita

**Páginas de Representações da Enfermagem na História, por Waleska Paixão
(1951 – 1979)**

Banca Examinadora:

Dra. Almerinda Moreira - UNIRIO
Presidente

Dr. Luiz Henrique Chad Pellon - UNIRIO
1º Avaliador

Dr. Wellington Mendonça de Amorim - UNIRIO
2º Avaliador

Dr. Osnir Claudiano da Silva Junior - UNIRIO
1º Suplente

Dr. Fernando Porto - UNIRIO
2º Suplente

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico o fruto desse estudo ao meu amado esposo Marcelo que com seu amor e paciência, desde o início sempre me deu enorme incentivo e acreditou na possibilidade de realizar mais este sonho me dando esperança para continuar me aprimorando profissionalmente e à minha filha Marcele, uma benção de Deus que participou desse processo ainda no meu ventre e agora compartilha ativamente deste momento singular.

Também dedico esse trabalho, em especial, aos meus pais, que mesmo em momentos difíceis me deram apoio incondicional e que são os responsáveis pelo o que sou hoje. Seus ensinamentos os transformaram nas principais referências de minha vida, em qualquer lugar que eu esteja. Obrigada por todo o carinho, pela preocupação constante e, principalmente, por ter me ensinado a ser uma pessoa melhor a cada dia, respeitando o meu próximo e à família. Obrigada por apoiar e sonhar comigo os meus sonhos! É um grande orgulho tê-los como meus pais!

Quero também dedicar este trabalho a minha grande amiga Mary Ann que sempre acreditou em mim, mais do que eu mesma, uma incentivadora inesgotável, sempre me apoiando em todos os momentos, indicando caminhos e claro, sempre se fazendo presente. Esta vitória também é sua amiga!

AGRADECIMENTOS

À Deus, por todas as oportunidades, por todas as bênçãos... Por guiar a minha vida pelos Seus mais perfeitos caminhos... Por abençoar e tornar realidade todos os meus sonhos! Pela força, saúde e determinação plantadas em mim para que eu pudesse concluir mais esse desafio com a ajuda dos anjos que enviastes em mais esta caminhada.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Almerinda Moreira e ao meu co-orientador Prof^o Dr. Wellington Mendonça de Amorim, que proporcionaram este momento singular na minha profissão. Muito obrigada pela paciência, pelos ensinamentos, por me ajudar a colocar cada tijolinho na trajetória profissional e científica que venho construindo.

Muito obrigado a Prof^a Dr^a Mary Ann, ou melhor, a minha amiga abençoada que Deus colocou em minha vida e que sempre esteve nas entrelinhas me orientando, encorajando, corrigindo e que é uma das grandes responsáveis por eu ter alcançado mais este degrau na minha vida profissional. Obrigado por tudo amiga, de coração!

À minha amada família... Aos meus pais que sempre se disponibilizaram em ficar a com minha pequena para que eu me dedicasse a mais esta empreitada.

Ao meu esposo Marcelo, pela paciência, tamanho amor, compreensão e pela alegria de viver a realização deste sonho em nossas vidas, pois somos um só nesta caminhada. “O amor só é lindo quando encontramos alguém que nos transforme no melhor que podemos ser” (Mário Quintana).

Às minhas amigas Ana Paula, Denise e Flávia pelas palavras de incentivo e por viverem comigo esse momento intenso, mas com certeza gratificante. À todas vocês, meus imensos agradecimentos, principalmente pela amizade... Aos meus amigos de trabalho do INCA que dividem comigo a vitória desta realização.

Aos professores, membros do Laphe e Lacenf, pelos exemplos transmitidos, pelos saberes compartilhados, pelo acolhimento e ensinamentos aprendidos. Muito obrigado!

À Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, que me acolheu e contribuiu para o meu enriquecimento profissional. À Universidade Federal de Minas Gerais, de todos os setores os quais mantive contato e que sempre foram muito cordiais e resolutivos aos meus pedidos e sempre se mantiveram à disposição para me ajudar contribuindo com meu estudo. Meu muito obrigado à todos!

À todos! Obrigada pela compreensão e pelo apoio, sempre presentes em todos os desafios que enfrento, nos momentos mais difíceis, nos momentos em que estive mais ausente! Tenho certeza que vocês sonham comigo os meus sonhos, e isso já faz de mim a pessoa mais feliz e corajosa desse mundo!

Muito Obrigada à todos!

Livros podem ser, portanto, lembrados e guardados não apenas por aquilo que portam,
mas também pelo que são: objetos da arte da palavra.

Giselle Martins Venancio

RESUMO

O estudo traz como objeto as representações da enfermagem no livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão. Como objetivos, foram definidos: caracterizar a materialidade da obra *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão; e analisar as representações da enfermagem do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão. Como proposta metodológica teve como alicerce a abordagem teórica da Nova História Cultural, conforme postulada por Roger Chartier, que prioriza a análise documental para se compreender os processos envolvidos na construção do sentido de realidade a partir da produção, circulação e recepção dos textos impressos. O fio condutor para a análise da obra foi a análise das suas representações. Constituíram-se documentos-objetos as cinco edições do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, compreendidas entre o período de 1951 a 1979. A análise dos dados convergiu para a construção de duas categorias: de Waleska ao livro – construção de personalidades e produção de conhecimentos; representações da enfermagem no livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão. Num processo de evolução, formação e profissionalização, pode-se notar que houve uma grande preocupação em preparar e formar enfermeiras de alto padrão. A preocupação com o ensino e a influência norte-americana na conformação da chamada Enfermagem Moderna, foram fatores que direcionaram a formação pensada de líderes da enfermagem. Waleska Paixão foi uma dessas personalidades formadas, através da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, cuja prática e produção científica se destacaram no campo educacional ao longo de alguns anos. Seu livro *Páginas de História da Enfermagem*, sinaliza para algumas representações da Enfermagem, onde destaca-se a religiosidade, autoridade, institucionalização do saber e apreciação do conhecimento, dentre outras. Tais representações entrelaçam-se com a comunidade de autores da obra e o contexto sociocultural em que estava inserida no seu processo de produção.

Palavras-chave: História da Enfermagem. Enfermagem. Obras de Referência.

ABSTRACT

The study brings the nursing representations on the book *Pages of the History of Nursing* by Waleska Paixão as its object. The objectives were defined as: to characterize the materiality of the book *Pages of the History of Nursing* by Waleska Paixão and analyze the nursing representations in the book *Pages of the History of Nursing* by Waleska Paixão. The foundation of the methodological proposal was the theoretical approach of the New Cultural History as postulated by Roger Chartier, which prioritizes the documentary analysis to understand the processes involved in the construction of the sense of reality from the production, circulation, and reception of printed texts. The guiding principle for the analysis of the work was the analysis of its representations. The five editions of the book *Pages of the History of Nursing* by Waleska Paixão, from 1951 to 1979, were the object-documents in this study. The data analysis led to the construction of two categories: from Waleska to the book – construction of personalities and knowledge production; nursing representations in the book *Pages of the History of Nursing* by Waleska Paixão. In a process of evolution, training, and professionalization, it can be noted that there was a great concern in preparing and training competent nurses. The concern with education and the American influence towards the conformation of the so-called Modern Nursing were factors that guided the formation of thought leaders in nursing. Waleska Paixão was one of those personalities formed through the Carlos Chagas Nursing School whose practice and scientific production stood out in the educational field over the course of a few years. Her book *Pages in the History of Nursing* signals to some Nursing representations where we highlight religiousness, authority, the institutionalization of knowledge, and appreciation of knowledge among others. Such representations intertwine with the community of authors in that work and the sociocultural context in which she was inserted in her production process.

Keywords: History of Nursing. Nursing. Reference Works.

RESUMEN

El estudio tiene como objeto las representaciones de la enfermería en el libro *Páginas de Historia de la Enfermería*, de Waleska Paixão. Como objetivos, fueron definidos: caracterizar la materialidad de la obra *Páginas de Historia de la Enfermería*, de Waleska Paixão; y analizar las representaciones de la enfermería del libro *Páginas de Historia de la Enfermería*, de Waleska Paixão. Como propuesta metodológica tuvo como base el enfoque teórico de la Nueva Historia Cultural, conforme postulada por Roger Chartier, que prioriza el análisis documental para comprenderse los procesos envueltos en la construcción del sentido de realidad a partir de la producción, circulación y recepción de los textos impresos. El hilo conductor para el análisis de la obra fue el análisis de sus representaciones. Se constituyeron documentos-objetos las cinco ediciones del libro *Páginas de Historia de la Enfermería*, de Waleska Paixão, comprendidas entre el período de 1951 a 1979. El análisis de los datos convergieron para la construcción de dos categorías: de Waleska al libro – construcción de personalidades y producción de conocimientos; representaciones de la enfermería en el libro *Páginas de Historia de la Enfermería*, de Waleska Paixão. En un proceso de evolución, formación y profesionalización, se puede notar que hubo una grande preocupación en preparar y formar enfermeras de alto nivel. La preocupación con la enseñanza y la influencia norte-americana en la conformación de la llamada Enfermería Moderna, fueron factores que encaminaron a la formación pensada de líderes de la enfermería. Waleska Paixão fue una de esas personalidades formadas, a través de la Escuela de Enfermería Carlos Chagas, cuya práctica y producción científica se destacaron en el campo educacional a lo largo de algunos años. Su libro *Páginas de Historia de la Enfermería*, apunta para algunas representaciones de la Enfermería, donde se destaca la religiosidad, autoridad, institucionalización del saber y apreciación del conocimiento, entre otras. Tales representaciones entrelazan con la comunidad de autores de la obra y el contexto sociocultural en que estaba inserida en su proceso de producción.

Palabras clave: Historia de la Enfermería. Enfermería. Obras de Referencia.

LISTA ESPECIAL DE IMAGENS

| | | |
|--------------------------------|--|-------|
| Imagem 1 | Imagem cedida pelo Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG, com subtítulo “ <i>Enfermeira Waleska Paixão, Diretora da EECC de 1939 a 1948. Acervo da Escola de Enfermagem da UFMG</i> ”. | 39 |
| Imagem 2 | Capa do livro <i>Páginas de História da Enfermagem</i> , de Waleska Paixão, 1960 (2ª ed.). | 50 |
| Imagem 3 | Capa do livro <i>Páginas de História da Enfermagem</i> , de Waleska Paixão, 1963 (3ª ed.). | 50 |
| Imagem 4 | Capa do livro <i>Páginas de História da Enfermagem</i> , de Waleska Paixão, 1969 (4ª ed.). | 50 |
| Imagem 5 | Capa do livro <i>Páginas de História da Enfermagem</i> , de Waleska Paixão, 1979 (5ª ed.). Fonte: arquivo pessoal do Profº Dr. Osnir Claudiano da Silva Júnior (EEAP/UNIRIO). | 50 |
| Imagem 6 | Estola comercializada nos EUA. | 55 |
| Imagem 7 | Estola utilizada no Brasil. | 55 |
| Imagem 8 | Trecho do prefácio escrito por Waleska Paixão, publicado na 1ª edição (1951) do livro “ <i>Páginas de História da Enfermagem</i> ”. | 56 |
| Imagem 9 | Trecho do prefácio escrito por Waleska Paixão, publicado na 2ª edição (1960) do livro “ <i>Páginas de História da Enfermagem</i> ”. | 56 |
| Imagem 10 | Capa dos <i>Annaes de Enfermagem</i> (Outubro de 1934). Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO. | 59 |
| Imagem 11 | Capa do Livro <i>Técnica de Enfermagem</i> (4ª, 6ª, 7ª, 9ª e 10ª edições). Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO. | 59 |
| Imagem 12 | Capa do livro <i>Nôvo Manual de Técnica de Enfermagem</i> (4ª edição). Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO. | 59 |
| Imagens 13, 14, 15, 16 e 17 | Folha de rosto das 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão. | 60/61 |
| Imagens 18 e 19 | Introdução (1ª página) das 1ª e 3ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão. | 62 |

| | | |
|-------------------------|--|----|
| Imagem 20 | (com recorte ampliado) – Dedicatória – 1ª edição do livro de Waleska Paixão. | 64 |
| Imagem 21 | (com recorte ampliado) – Prefácio – 1ª edição do livro de Waleska Paixão. | 65 |
| Imagens 22 e 23 | Prefácio – 2ª edição do livro de Waleska Paixão. | 68 |
| Imagem 24 | (com recorte ampliado) – Prefácio – 5ª edição do livro de Waleska Paixão. | 69 |
| Imagem 25 | Índice – 5ª edição do livro de Waleska Paixão. | 70 |
| Imagens 26, 27, 28 e 29 | Imagem de Florence Ninghtingale – 2ª, 3ª, 4ª e 5ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão. | 73 |
| Imagens 30, 31, 32 e 33 | Imagem de Ana Neri – 2ª, 3ª, 4ª e 5ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão. | 73 |
| Imagens 34 e 35 | Imagens de Santa Hildegarda e S. Vicente de Paulo, respectivamente – 5ª edição do livro de Waleska Paixão. | 74 |
| Imagens 36, 37 e 38 | Imagens do item “Tópico para as Provas” – 2ª edição do livro de Waleska Paixão. | 76 |
| Imagens 39 e 40 | Imagens do Índice, das 1ª e 2ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão. | 77 |
| Imagens 41 e 42 | Imagens do Índice, das 3ª e 4ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão. | 78 |

LISTA ESPECIAL DE ABREVIATURAS

| | |
|-------------|---|
| ABED | Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (1944 – 1954). |
| ABEn | Associação Brasileira de Enfermagem (1954 –). |
| ANED | Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas (1926 – 1929). |
| ANEDB | Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (1929 – 1944) |
| CEDOC | / Centro de Documentação (1993 –), da Escola de Enfermagem Anna Nery, |
| EEAN / UFRJ | da UFRJ. |
| CIE / ICN | Conselho Internacional de Enfermeiros (1899 -). |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1951 -). |
| DNSP | Departamento Nacional de Saúde Pública (1920 – 1937) / DNS – Departamento Nacional de Saúde (1937 – 1953). |
| EEAN | Escola de Enfermagem Anna Nery (1923 –). |
| EEAP | Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890 -). |
| EUA / USA | Estados Unidos da América (1783 –) – Data oficial de independência dos EUA. |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais (1949 –). |
| EECC | Escola de Enfermagem Carlos Chagas (1933 –). |
| Lacenf | Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (2009 –). |
| Laphe | Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (2000 -). |
| REBEn | Revista Brasileira de Enfermagem (1954 -). |
| SNEL | Associação profissional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais (1940 – 1941); Sindicato Nacional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais (1941 – 1959); Sindicato Nacional dos Editores de Livros (1959 –). |
| UFF | Universidade Federal Fluminense (1960 –). |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965 –) / Universidade do Brasil (1937 – 1965) / Universidade do Rio de Janeiro (1920 – 1937). |
| UNIRIO | Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1979 –). |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1.1 Estado do Conhecimento e Contribuições do Estudo | 17 |
| 2 ASPECTOS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS E PRESSUPOSTOS DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL..... | 20 |
| 3 OPERAÇÃO METODOLÓGICA..... | 22 |
| 4 DE WALESKA AO LIVRO – CONSTRUÇÃO DE PERSONALIDADES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS..... | 31 |
| 4.1 Waleska Paixão: uma agente na escrita da História da Enfermagem..... | 37 |
| 5 REPRESENTAÇÕES DA ENFERMAGEM NO LIVRO “PÁGINAS DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM” | 44 |
| 5.1 O livro “Páginas de História da Enfermagem” | 46 |
| 5.1.1 <u>Representações de Religiosidade, Autoridade, Poder e Institucionalização do Saber ...</u> | 48 |
| 5.1.2 <u>Representações de Competência Intelectual e de Religiosidade</u> | 71 |
| 5.1.3 <u>Representações de Apreciação do Conhecimento</u> | 75 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 79 |
| REFERÊNCIAS..... | 82 |
| DOCUMENTOS..... | 87 |

1 INTRODUÇÃO

A história da enfermagem vem sendo construída e consolidada por diversos grupos e pesquisadores em nosso país. Nesse contexto, evidenciar suas significações é contribuir com o desenvolvimento e disseminação do conhecimento científico na área da enfermagem tornando estudos como esse relevantes à produção de conhecimento e, ao mesmo tempo, apontando novos horizontes amplamente necessários para novos enveredamentos.

A construção e desenvolvimento do conhecimento científico na área da enfermagem ao longo do tempo permitiu identificar as bases fundamentais da produção de saberes responsáveis pelo desenvolvimento da profissão. Bases estas entendidas como documentos de relevância histórica para a compreensão dos fatos e acontecimentos que nortearam a consolidação da profissão. A importância desses documentos enquanto suportes para a transmissão do saber passou a ser destacada nos estudos a medida que novas formas de olhar para as fontes foram sendo descortinadas (FREIRE, 2014).

Dentro de uma diversidade de registros, amplamente estudados em pesquisas com características culturais, um documento, em especial, nos chama a atenção: o livro. Seja do ponto de vista, dos saberes contidos no processo da produção editorial, além de sua relação com a cultura material e a história social, os livros ocupam um lugar específico, quer como protagonistas, quer como coadjuvantes indispensáveis à produção e disseminação do conhecimento (FREDERIKSEN, 2010).

Freire (2014), conclui em seu estudo, embasado pela perspectiva de Roger Chartier, que os livros são considerados como parte do corpo de conhecimento incorporado na profissão de enfermagem, tendo, assim, um papel estratégico. Livros voltados para um público em formação profissional são lidos e entendidos como parte de um discurso de conhecimento a construir um quadro de conhecimento em torno do profissional. Frederiksen (2010, p. 151-52), à luz da obra do filósofo francês Michel Foucault, traz que os discursos do conhecimento são entendidos como contribuição para a formação do enfermeiro, bem como influenciadores das práticas no campo da educação.

Assim, um livro é tomado como evidência em determinado período, informando o que é percebido e necessário para um estudante/leitor distinguir o que saber e o que fazer. Estes conteúdos podem parecer estar sob uma roupagem de neutralidade. Mas até mesmo a apresentação mais simples dos fatos irá representar uma interpretação do tema tratado no texto através da forma como o texto está escrito e através das palavras escolhidas e as metáforas usadas. De acordo com Frederiksen (2010, p. 151-52), o corpo de conhecimento destinado a enfermeiros ou quaisquer outros profissionais, portanto, contém mais do que apenas um conhecimento neutro. Concordamos com ele quando afirma que constitui-se um desafio presente investigar como o conhecimento julgado como necessário para uma enfermeira foi construído, como também as características distintivas desse corpo de conhecimentos.

Segundo Chartier (2002, p. 13), os documentos não são mais considerados somente pelas informações que fornecem. Hoje eles são estudados também em si mesmos, em sua organização discursiva e material, em suas condições de produção e suas utilizações estratégicas. Mais do que isso. Os livros não se apresentam para o seu público de forma ingênua, sem intenções. Eles estão investidos de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam (CHARTIER, 1994, p. 09).

Nesse contexto, uma obra em especial fez surgir uma inquietação e nos remeteu à temática abordada até então. Trata-se da obra *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão. Este livro, escrito por uma enfermeira brasileira, atravessou décadas (sua primeira edição data de 1951 e a última edição identificada data de 1979), e tem características distintas no que diz respeito à enfermagem brasileira. Por esse e outros motivos, ganhou destaque e contribuiu com a difusão dos conhecimentos na área da Enfermagem.

Segundo Padilha e Borenstein (2006, p. 534), trata-se do “trabalho mais conhecido no Brasil sobre a História da Enfermagem” que, mediante pesquisa bibliográfica, faz uma retrospectiva cronológica da Enfermagem desde a idade antiga até o século XX, dando ênfase à influência religiosa sobre a profissão. O referido livro, segundo as autoras, foi amplamente citado em estudos sobre o assunto e serviu de livro-texto nos cursos de graduação em Enfermagem de todo o país.

A História da Enfermagem sempre fez parte, de acordo com alguns estudos, do currículo mínimo do curso de graduação das escolas de enfermagem brasileiras. Segundo Barreira (1999), no início do processo de consolidação da profissão no país, e principalmente com a organização e implementação da Enfermagem Moderna, a partir da década de 1920, através de influências norte-americanas, esta disciplina foi utilizada como instrumento para a formação da nascente identidade profissional, para o desenvolvimento de um compromisso perene com a profissão, bem como de busca de uma melhor inserção da enfermagem na sociedade do Rio de Janeiro. Com o tempo, parece ter continuado a ser utilizada como espaço de doutrinação sobre a mística da enfermagem, suas origens remotas e a contribuição de diversas sociedades para sua evolução.

Os estudos históricos interessam sobremaneira à enfermagem, pois a construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produto histórico, o desenvolvimento da autoestima coletiva e a tarefa de (re)construção da identidade profissional. Assim, o desvelamento da realidade mediante o estudo da História da Enfermagem é libertador e permite um novo olhar sobre a profissão (BARREIRA, 1999, p. 90).

Dessa forma, voltar o olhar para um livro tido como referência na construção do conhecimento histórico sobre a profissão, num momento de consolidação da mesma no país, através de uma análise histórico-cultural, permite descortinar representações diversas acerca do mesmo, possibilitando variados entendimentos sobre um conhecimento difundido durante décadas no Brasil.

Considerando então os discursos do conhecimento construídos no Brasil e a obra *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, considera-se pertinente questionar quais as representações da enfermagem construídas e contidas na referida obra, ao longo do período de suas publicações?

Isto posto, e considerando os livros como suportes para a produção do conhecimento para a enfermagem, passível de diversas representações e apropriações, é que definiu-se, como objeto de estudo as representações da enfermagem no livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão.

Para operacionalizar o estudo, foram definidos, então, os seguintes objetivos: caracterizar a materialidade da obra *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão; e analisar as representações da enfermagem do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão.

1.1 Estado do Conhecimento e Contribuições do Estudo

A Nova História Cultural, tal qual conhece-se hoje, tornou-se possível na moderna historiografia a partir de uma expansão de objetos historiográficos. Uma das possibilidades destes novos objetos, conforme postula Roger Chartier, é o livro, objeto cultural reconhecido por todos os que até hoje se debruçam sobre os problemas culturais. Considerar o livro e suas representações, enquanto elementos dessa corrente histórica atraiu o interesse de historiadores, ocasionando um incremento de estudos que nos proporcionam uma gama de possibilidades acerca da temática (FREIRE, 2014).

O livro, objeto de investimento e estudos, considerada a sua dimensão material, constituiu-se historicamente como um dos suportes mais usuais para diferentes tipos de textos, conferindo-lhes uma aura específica. A paulatina ampliação da produção e da circulação dos livros contribuiu para a análoga ampliação das diversas formas de produção de sentidos em torno dos conteúdos guardados neste objeto. Mas é ele próprio – o livro –, como sugere Roger Chartier (2003), que produz sentido também através de sua materialidade.

Não se pretende fazer aqui um levantamento exaustivo sobre a produção científica/historiográfica concernente aos estudos que tiveram o livro, na perspectiva da Nova História Cultural, enquanto fonte e/ou objeto de investigação. Pesquisadores como Freire (2014) e Ayres (2014), trazem aprofundamentos sobre o tema, que servem de apoio para a condução de novos estudos. Nossa intenção é apenas destacar o livro e as investigações sobre esse suporte, na perspectiva da Nova História Cultural, nos mais diversos tipos de publicação, contribuindo para o avanço das compreensões sobre as noções de representação, uma das bases da abordagem utilizada por Roger Chartier, que nos servirá como fio condutor para esta investigação.

Ao buscar as produções científicas referentes à historiografia da enfermagem brasileira, não foram encontrados, até o momento, estudos que tenham utilizado como documento-objeto de análise as representações do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão. Sua importância enquanto fonte de pesquisa, no entanto, tem se mostrado incontestável. Pelo menos é o que entendem diferentes autores que se debruçaram, unicamente, sobre os temas correlatos à história da enfermagem e das suas produções científicas.

Diversas são as publicações que abordam/citam a vida de Waleska Paixão e sua conhecida obra, intitulada *Páginas de História da Enfermagem*. Destacaremos para este momento apenas algumas, na intenção de mostrar as diversas abordagens feitas pelos estudiosos sobre a temática em questão, destacando, assim, a até então inédita abordagem sobre a obra por este estudo, na perspectiva da Nova História Cultural.

Azevedo, Carvalho e Gomes (2009), por exemplo, publicaram um estudo com dados históricos da vida de Waleska Paixão, analisando suas contribuições para a Enfermagem brasileira. A publicação do livro *Páginas de História da Enfermagem* é destacada no estudo. Outro estudo encontrado nessa perspectiva foi o de Santos, Caldeira e Moreira (2010), onde o destaque para a biografia de Waleska Paixão e seu livro podem ser notados.

Padilha *et al* (1997), em estudo cujo objetivo foi traçar um paralelo entre o conteúdo dos discursos médicos e o comportamento esperado e estereotipado das enfermeiras do início do século XX, cita o livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, como um dos suportes de saber que influenciou na construção de um conhecimento e um pensamento acerca da História da Enfermagem.

Alves e Silva Júnior (2006), publicaram o estudo mais específico sobre a obra *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, encontrado até o momento. Além de destacar o livro como sendo o primeiro escrito e publicado no país por uma enfermeira brasileira, destacando o seu pioneirismo, os autores destacam a redução das citações sobre o mesmo nas referências pesquisadas, no ano de 2001.

Assim, para além de ser apenas uma área de conhecimento, a história da enfermagem tem sido um instrumento fundamental de pesquisa para elucidação de fatos e fenômenos subjacentes no desenvolvimento da enfermagem. Neste estudo, por meio de uma das mais relevantes publicações da enfermagem, em âmbito nacional, assumimos o desafio de complementar a historiografia da enfermagem sobre a obra em questão. Ao mesmo tempo, lançamos o nosso olhar sobre a obra/livro, entendendo que o livro é ainda um vasto campo a ser explorado na História da Enfermagem brasileira e internacional (FREIRE, 2014).

Segundo Chartier (2002), a história produz conhecimentos que se encontram condicionados pelas variações de seus procedimentos técnicos, pelas restrições que lhes impõem o lugar social e a instituição de saber onde é exercida e, ainda, pelas regras que comandam a sua escritura. Tal constatação permite ampliar a dimensão do texto historiográfico do nível de fiel tradutor de uma realidade imutável para a de uma leitura

de algo que foi e já não é mais. Uma realidade que se encontra sujeita, portanto, à diversidade de possibilidades de análise e que asseguram a não extenuação das forças de significação a cada leitura das representações do passado.

Assim, procurou-se espreitar os acontecimentos como se já não tivessem uma história, para reencontrar diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos, sem a preocupação de encontrar uma origem. Retraçar o seu itinerário, lembra Kruse (2006), permite conhecer as condições de possibilidade de seu aparecimento. Não há a pretensão, segundo a autora, de relatar os fatos “como eles realmente aconteceram”, o que hoje já se mostrou impossível e infrutífero, uma vez que sabemos que nossas mentes não refletem diretamente a realidade, pois a realidade que conhecemos é, sempre, realidade sob descrição. Portanto, não existe, para nós, nenhuma realidade que seja independente dos discursos que a constituem.

A discussão e os aprofundamentos sobre a história da enfermagem tem sido uma oportunidade para celebrar, de forma criteriosa e consciente, a existência de algum sucesso, porém chamando ainda a atenção para muitos acontecimentos que precisam ser resgatados e explicados. Diversos pesquisadores têm se debruçado sobre a história da enfermagem e dos cuidados em saúde e, com isso, têm aberto uma multiplicidade de vias e vertentes para a compreensão da magnitude e da complexidade da historiografia brasileira nesse campo (MOREIRA, 2005).

Desse modo, o primeiro livro, até então, nessa temática, *Páginas de História da Enfermagem*, escrito por uma enfermeira brasileira, Waleska Paixão, apresenta-se para o estudo histórico como um documento-objeto mais do que indispensável para o resgate da participação das ideias e das relações de força com outras obras envolvidas na produção do sentido do conhecimento de enfermagem. A Nova História Cultural vem a contribuir, assim, na complexa tarefa de decifrar as incompreensões do presente como lacunas de uma construção processual da realidade à espera de interpretações e leituras a produzir novos sentidos.

2 ASPECTOS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS E PRESSUPOSTOS DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL

Com a contínua expansão dos objetos historiográficos, a Nova História Cultural – aqui entendida no sentido de uma História da Cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida – passou a atrair o interesse dos mais diversos teóricos desde o último século (BARROS, 2005).

Os estudos sobre o livro, como objeto de pesquisa, surgem nessa conjuntura de novas abordagens do conhecimento histórico. Outras possibilidades no campo da Nova História Cultural se abrem, multiplicando os campos de pesquisa, as experiências, os encontros, conforme afirma Chartier (1990).

Isto posto, Chartier (2003) discute as maneiras pelas quais os escritos e seus suportes contribuíram para a compreensão de seus significados subjacentes: “Com efeito, cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações”, sublinha ele. Em outras palavras, cada objeto produzido para conter um texto influencia também o modo como é utilizado, sobretudo no que concerne à construção do sentido do texto que este objeto contém. Por outro lado, é bem provável que o suporte influencie também a própria produção do escrito a ser veiculado.

Nesse sentido, para elaborar os caminhos conceituais que serviram de fio condutor para esta pesquisa, fez-se necessária a apresentação da noção de “representação”. A intenção é clarificar e melhorar a compreensão inicial do que está por vir.

O conceito de representação, na perspectiva de Roger Chartier, refere-se às materializações das operações mentais e intelectuais de determinados agentes/atores envolvidos no processo de produção do texto escrito. Essa ferramenta prioriza a modalidade impressa - que se encontra condicionada às convenções, competências e protocolos de leitura de seus potenciais leitores. Apesar das representações do mundo social “aspirarem a uma universalidade de um diagnóstico fundado na razão”, elas não são discursos neutros e são sempre determinadas pela impressão daqueles que as

produzem. Situam-se sempre, desta forma, num campo de concorrências e de competições (CHARTIER, 1990 *apud* PELLON, 2013, p.16).

Fica claro, assim, a pertinência desse estudo e sua relação com os pressupostos da Nova História Cultural. A análise do livro na perspectiva da Nova História Cultural, tendo como fio condutor as suas representações, auxiliou-nos a remontar o processo de produção de conhecimentos da enfermagem brasileira. Concebemos aqui, desta forma, as representações, como a materialidade e a estética textual, enquanto potencial revelador das formas, usos e efeitos da escrita na determinação de um campo concorrencial. É neste espaço que se inscrevem diferentes visões de mundo a disputar a construção de um sentido de realidade, ou, nesse caso, de conhecimento, numa relação dialógica entre representação escrita e sua apropriação pela leitura.

Não é por outro motivo que as representações devem ser observadas como os mecanismos pelos quais um grupo tenta exercer a sua dominação e exercício do poder, impondo sua concepção de mundo social, suas escolhas, condutas e valores projetados em objeto material destinado à circulação em nichos intelectuais específicos de recepção. Elas (as representações) têm o potencial de revelar as concorrências de visões de mundo em torno da edificação de um sentido de realidade; na prática, fornecem elementos capazes de estabelecer os nexos existentes na relação entre os dispositivos formais e materiais responsáveis por “modelar” o conteúdo a ser impresso e as diferenças socioculturais existentes entre os agentes envolvidos com a sua produção e consumo (CHARTIER, 2003 *apud* PELLON, 2013, p.16).

Nesse entendimento, o livro se constitui como um objeto da Nova História Cultural, que busca resgatar o papel do leitor, neste caso estudantes e profissionais de enfermagem, na construção do sentido de uma forma de conhecimento e, por conseguinte, da sua realidade. Assim, as representações da Enfermagem no livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, são consideradas como moldes de práticas culturais que embutem modalidades diversificadas de apropriação e de produção do sentido de um conhecimento influenciador na prática profissional da enfermagem.

3 OPERAÇÃO METODOLÓGICA

O presente estudo integra as investigações registradas no grupo de pesquisa do CNPq “Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem - Lacenf”, desenvolvido e validado nas atividades do Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem – Laphe, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O trabalho contempla a pesquisa institucional “História do cuidado nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e instituições”, que compõe a linha de pesquisa intitulada “O Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil”, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado, da UNIRIO.

Enquanto proposta metodológica, este estudo foi pautado na abordagem teórica da Nova História Cultural, conforme postulada por Roger Chartier, elegendo a análise documental como técnica preferencial para compreender os processos envolvidos na construção do sentido de realidade a partir da produção do livro.

Para Aróstegui (2006, p. 516), as técnicas de pesquisa não são outra coisa senão as operações que o pesquisador realiza para transformar os fatos em dados. As técnicas, segundo este autor, “são o ponto de engate entre a realidade empírica – que é objeto da observação – e a conversão desta em um corpo articulado de evidências para a demonstração de uma hipótese”. O autor enfatiza ainda que, as técnicas se compõem de um conjunto de regras comprovadas e repetidas, que estão subordinadas sempre aos princípios metodológicos. Sendo assim, elas são o elemento-chave na construção dos dados, que são definidos por este autor como fatos estruturados conceitualmente.

Uma das classificações possíveis para as técnicas, trazidas por Aróstegui (2006, p. 517-519), e de interesse para este estudo, é a técnica de observação documental. Como seu próprio nome indica, são aquelas aplicáveis ao estudo dos “documentos” em suas mais variadas formas e suportes, desde que nos forneçam sempre uma observação mediata da realidade. O autor destaca ainda que os tipos mais representativos seriam os documentos escritos – de arquivo, publicações oficiais periódicas ou não, livros, folhetos, imprensa, dentre outros – além dos documentos visuais ou sonoros.

Como documento-objeto utilizou-se, neste estudo, a obra intitulada *Páginas de*

História da Enfermagem, de Waleska Paixão. Foram usadas, durante a execução do trabalho, as cinco edições que se tem conhecimento do livro. A primeira edição, de 1951; a segunda edição, de 1960; a terceira edição, de 1963; a quarta edição, de 1969; e a quinta edição, de 1979.

A técnica de reprodução aqui utilizada merece alguns esclarecimentos. Houve a preocupação rigorosa de suprimir, nas fotos digitais, a maior quantidade de alterações provocadas pelas representações reprográficas das edições do livro. Buscou-se, portanto, na foto digital, o suporte mais capaz de manter a coloração pardo-amarelada provocada pela ação do tempo, evitando o escurecimento provocado pela máquina reprográfica. A intenção foi preservar as imagens para possibilitar uma análise da materialidade do livro (FREIRE, 2014).

Destaca-se ainda que, para efeito deste estudo, as fotos digitais feitas e trazidas ao longo da análise e discussão dos resultados, serão denominadas como “Imagem”. Segundo Araújo (2008, p. 443), por definição:

O termo imagem é utilizado no cotidiano da tecnologia gráfica para identificar qualquer figura, desenho, ilustração, gráfico, texto ou outra reprodução visível ao olho humano, que retrata o original em sua forma característica, cor e perspectiva.

Outros documentos foram utilizados para compor a análise da publicação em questão. Essas fontes foram relatórios, atas, livros e outras publicações. Foram visitados ainda os seguintes acervos: Arquivo Setorial *Enfermeira Maria de Castro Pamphiro*; Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem – Lacenf, ambos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – EEAP – UNIRIO; Biblioteca da Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN – UFRJ; Fundação Biblioteca Nacional; Universidade Federal de Minas Gerais (Campus Saúde; Setor de Comutação; Setor de arquivos Especiais; Centros de Memória das Escolas de Enfermagem e Medicina), além de arquivos pessoais de pesquisadores.

A historiografia da enfermagem, do Brasil e da educação e saúde contaram com a literatura de apoio, as análises e interpretações do estudo, disponíveis no Banco de Textos do Laboratório de Pesquisas em História da Enfermagem – Laphe, da EEAP – UNIRIO.

A preservação da memória da enfermagem está intrinsecamente relacionada com o trabalho de documentação, pois é nas fontes documentais que encontramos a presença

do passado. Estes documentos, então, devem ser trabalhados, reconstruídos e contextualizados para a produção de novos conhecimentos históricos (FREIRE, 2014).

Assim é que a obra *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, no formato livro, é, para este estudo, um documento-objeto. O livro como um documento histórico e um objeto cultural, contemplando, assim, as perspectivas da Nova História Cultural, postulada por Roger Chartier.

O livro, enquanto documento, portanto, é o ponto de partida para se conhecer um fato histórico, e é também por meio dele que podemos revisitar o passado e reinterpretá-lo sob um novo olhar. Desta forma, constituem produtos da sociedade que os configurou, segundo as relações de força dos que então detinham o poder (FÁVERO, 2009, p. 114; 117).

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, segundo Droysen (2009 *apud* PELLON, 2013, p. 36), tomou-se por princípio que todo trabalho histórico deve começar por uma crítica rigorosa das fontes. A crítica não busca o fato histórico propriamente, mas sim, determina, por meio de suas formas, a relação entre o material a ser explorado e os atos de vontade, que contribuíram, auxiliando ou inibindo, a elaboração de seus registros. Seu resultado, acrescenta esse historiador alemão, deve indicar que o material foi preparado de forma a permitir uma interpretação relativamente segura e correta.

Nesse sentido, a “crítica de autenticidade” é, na perspectiva de Droysen (2009 *apud* PELLON, 2013, p. 37), a primeira a ser verificada com a finalidade de responder se o material é realmente aquele que foi tomado como tal. Ela pode ser feita por meio de exames de autenticidade ou, mesmo, por meio de respostas a algumas perguntas sobre o documento, tais como as formuladas por Salmon (1979): “Quem o redigiu?” “Quando foi redigido?” “Onde?” “Como e por quais vias chegou até nós?”.

A ideia inicial de trabalhar com o livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, partiu da aquisição da 3ª edição do livro, adquirida pela Estante Virtual, em julho de 2014, após algumas conversas sobre o livro e sua autora durante as orientações. O interesse pela obra e a delimitação da mesma como objeto deste estudo gerou diversas possibilidades de buscas e, conseqüentemente, diversos achados enriquecedores, inesperados, esperados, e até mesmo, frustrantes.

Vale destacar que todos os arquivos e documentos históricos pesquisados foram fotografados, no intuito de preservá-los. Foi utilizado um *tablet* da marca Samsung, Galaxy Tab 2 7.0 / P3100 / And. 4.0 / 16GB, além de câmera fotográfica do aparelho

celular da marca Samsung S3, modelo GT – 18262B. Os arquivos fotografados foram arquivados no próprio *tablet* e também em dois *pen drives*, das marcas SanDisk, 8GB e Precision, 8GB. Foi utilizada luz natural, quando possível, ou a luz das salas onde as pesquisas eram feitas. Não foi utilizado o *flash* do *tablet* nem no aparelho celular, pois, segundo o estudo de Freire (2014), esta precaução é uma das formas de se preservar o documento.

Posteriormente, ainda no mês de julho de 2014, foi adquirida a 5ª edição do livro, também pelo site da Estante Virtual, já com outro título, *História da Enfermagem*, do ano de 1979.

As buscas na Biblioteca Nacional ocorreram no dia 28 de janeiro de 2015, e as obras consultadas foram fotografadas. As edições encontradas foram suficientes para contemplar o proposto, identificando as evoluções e mudanças no decorrer da publicação das edições da obra e descortinando, através destas, as representações e sentidos embutidos na obra em questão. Representações e sentidos estes, de relevância para o entendimento do processo histórico da enfermagem brasileira.

Vale destacar que a Fundação Biblioteca Nacional é a única beneficiária da legislação sobre o que se denomina atualmente como depósito legal. Pautada por anos no Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907, revogado pela Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004, a Biblioteca Nacional tem no depósito legal o objetivo de assegurar o registro e a guarda da produção intelectual nacional¹. Nela foram encontradas as edições do livro *Páginas de História da Enfermagem* publicadas nos anos de 1951 e 1960, primeira e segunda edições respectivamente, o que contribuiu para o enriquecimento da análise.

Foram realizadas, a partir dos achados na Biblioteca Nacional, novas buscas na Escola de Enfermagem Anna Nery, da UFRJ, no dia 03 de fevereiro de 2015, tendo em vista que em 22 de janeiro de 2015, na primeira tentativa de acesso ao acervo, a biblioteca estava sem internet, impossibilitando as primeiras buscas. Então, ao retornar a biblioteca munida de impresso já com a identificação dos exemplares na estante da biblioteca em mãos, pude encontrar quatro exemplares da obra de Waleska Paixão, sendo três deles referentes a 4ª edição, todos com capa dura e um referente a 5ª edição, com capa diferenciada.

Vale ressaltar que durante as buscas na biblioteca virtual da EEAN foram

¹ Para maiores detalhes, consultar o site da Fundação Biblioteca Nacional: http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=1.

identificados os cinco exemplares do livro, mas, ao procurar na biblioteca, não foram encontrados as 1ª, 2ª e 3ª edições, não estando emprestadas com nenhum aluno ou professor segundo as buscas da bibliotecária, que também não soube informar qual destino teriam tido as respectivas edições.

Outra publicação que nos foi gentilmente disponibilizada, foi a 5ª edição do livro, com o título, *História da Enfermagem*, do ano de 1979. Pertencente ao acervo pessoal do profº Dr. Osnir Claudiano da Silva Júnior, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da UNIRIO, ter acesso a esta obra foi de grande relevância para o estudo.

Ao focar as buscas nas instituições de ensino onde Waleska Paixão atuou, obtivemos uma troca muito proveitosa com a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Após várias tentativas de buscas no catálogo *online* do Sistema de Bibliotecas da UFMG, através de e-mails que pudessem me fornecer dados da pesquisa, em 27/02/2015, consegui o telefone do *Setor de Coleções Especiais*, onde pude falar com a bibliotecária Diná Araújo que me forneceu o e-mail do setor respectivo e me informou que eu não consegui contato antes pelo site da UFMG porque o mesmo havia sido invadido por *hackers* e por um período as páginas da web estavam sem informações completas.

Então, enviei, no dia 28/02/2015, um e-mail para a bibliotecária Diná solicitando dados para a minha pesquisa. Obtive retorno em 02/03/2015 pela mesma, que verificou a existência de dois exemplares do livro de Waleska Paixão (3ª e 5ª edição) e que os mesmos encontravam-se na *Biblioteca do Campus Saúde*. Também me foi fornecido por ela os e-mails desse Campus e outro do *Centro de Memória da Faculdade de Medicina*, os quais enviei mensagem em 03/03/2015, pois a Srª Diná não teria acesso aos livros.

No dia 04/03/2015 obtive resposta da Catalogadora do setor “Processamento Técnico de Livros”, Elza Hugo, do Campus Saúde, que também me sugeriu enviar um e-mail para a Profª Rita Marques, responsável pelo *Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG*, embora a mesma tivesse se antecipado, encaminhando meu e-mail para o setor a qual me indicou. Em 05/03/2015, a Téc. de Livros Elza Hugo localizou no acervo duas edições: uma de 1963 (3ª ed.) e a de 1979 (5ª ed.), destacando que os dois não possuíam capa original. A mesma enviou os exemplares para o *Setor de Comutação* onde foram escaneados e enviados ao meu e-mail. Também foram enviados em anexo, um relatório do *Sistema PERGAMUM* com os registros de empréstimos dos livros, onde consta movimentação somente de 2008 até os dias atuais, apenas da 5ª

edição. A 3ª edição não acusa nenhum registro, pois a obra encontra-se em um *Acervo Antigo*, já fora de circulação.

Em 06/03/2015 foram enviados por e-mail pela funcionária Maria Júlia, do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG, seis anexos com arquivos sobre Waleska Paixão, com fotos e registros produzidos por ela. Todos os funcionários com quem entrei em contato se colocaram à disposição caso necessite de mais dados sobre a pesquisa.

Por fim, no intuito de esgotar as buscas, em 17/03/2015, procurei a Biblioteca da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto onde encontrei somente na busca online com a bibliotecária dois exemplares da 3ª edição, que não são liberados para empréstimo, somente para consulta, e uma outra edição que não foi possível identificar de qual delas se tratava. Ou seja, a biblioteca possui três exemplares mais nenhum deles estão na estante e também não consta nenhum empréstimo que justifique a ausência deles na biblioteca.

Portanto, as edições do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, a serem consideradas para este estudo, foram:

- 1ª edição, de 1951 – obra original.
- 2ª edição, de 1960 – fotos digitais de obra original.
- 3ª edição, de 1963 – fotos digitais de obra original.
- 4ª edição, de 1969 – cópia da obra e fotos digitais de obra original.
- 5ª edição, de 1979 – obra original e algumas fotos digitais de outras obras encontradas, do mesmo ano.

Para a busca de outros documentos, utilizados para compor a análise das condições de circulação da publicação em questão, foram consultados diversos acervos, entre os quais os que detalhamos a seguir.

A busca por outras obras de referência à época, possivelmente tidas como concorrentes da que temos como documento-objeto, além de outras publicações feitas pela mesma autora, Waleska Paixão, foram realizadas pelo dispositivo de buscas *Google*.

Tais buscas foram realizadas com o propósito de contemplar o terceiro princípio metodológico, proposto por Chartier (2011). Nesse sentido, foram fotografadas, na Biblioteca Nacional, as seguintes obras: *Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil*, de Raimunda Medeiros Germano, de 1985 (2ª edição); *A Enfermagem Profissional: análise crítica*, de Graciete Borges da Silva, de 1986 e 1989 (1ª e 2ª

edições, respectivamente); *Hegemonia Médica na Saúde e a Enfermagem*, de Denise Pires, de 1989.

Assim, compreende-se que os manuscritos de autoria de enfermeiros, submetidos a processos editoriais, no formato livro, na temporalidade que compreende os anos de 1951 a 1979 (demarcados pelas primeira e última edições do livro sobre a história da enfermagem, foco deste estudo), publicados no Brasil, com circulação no campo da Enfermagem, foram critérios que auxiliaram na avaliação dos documentos encontrados.

Após submeter-se a determinação da crítica documental, a análise do documento-objeto obedeceu aos três princípios metodológicos de análise propostos por Chartier (2011). O primeiro visa situar a construção do sentido dos textos entre os limites transgredidos e as liberdades controladas. O historiador aponta, por um lado, para a existência de uma força a ser observada pelos pesquisadores na relação entre formas materiais da escrita e competências culturais dos leitores na delimitação das fronteiras da compreensão do sentido visado pelos textos e suas formas de publicação. Por outro, ressalta a necessidade de se elencar para a análise, a apropriação como um ato criador, produtor de uma diferença e de um sentido inesperado e diretamente dependente das competências que cada comunidade de interpretação tem com a cultura escrita (PELLON, 2013, p. 42).

Dessa forma, é possível situar por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam - de maneira mais ou menos clara - conforme a posição que ocupam nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, dizer, fazer (CHARTIER, 2009 *apud* PELLON, 2013, p. 42).

No intuito de contemplar a análise das formas materiais do livro, o referencial conceitual de Emanuel Araújo (2008, 17-54) foi tomado para efeito de análise da tipografia, que é mais bem explicada pelo autor da seguinte forma:

A tipografia (do grego *typos* – “forma” – e *graphein* – “escrita”) é a arte e o processo de criação na composição de um texto. Seu objetivo principal é dar ordem estrutural e forma à comunicação impressa.

Tal referencial nos possibilitou compreender as regras e os usos da normalização textual e editoração pelos editores (FREIRE, 2014).

Como segundo princípio metodológico de análise, Chartier (2011) propõe que o pesquisador se empenhe em desfazer a “fraca ideia” de que as representações são uma tradução do real, simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes seria exterior. Recomenda, pois, que se tome como eixo norteador deste princípio de análise, a força das representações, sejam elas interiorizadas ou objetivadas. Isso pressupõe aliar a potência dos textos escritos por meio dos quais elas serão lidas ou ouvidas, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, impostas por elas como as matrizes das classificações e juízos (PELLON, 2013, p. 43).

Já no terceiro princípio, Chartier (2011) propõe que as obras singulares ou textos que são objeto de trabalho sejam posicionados no cruzamento de dois eixos que organizam toda metodologia de história ou de sociologia cultural: um eixo sincrônico e outro diacrônico (PELLON, 2013, p. 45).

O eixo sincrônico permite situar cada produção escrita em seu campo ou seu tempo colocando a obra em questão em relação a outras produções contemporâneas (CHARTIER, 2011 *apud* PELLON, 2013, p. 45). Neste sentido, para efeito de comparação com o livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, foram considerados outros livros e documentos produzidos à época, no intuito de compreender melhor a construção dos sentidos de realidade.

Já o eixo diacrônico, de acordo com Chartier, busca situar a relação que cada nova obra desenvolve com o passado do gênero ou da disciplina ao conferir enfoque no consumo que se inscreve na produção de seus autores, na forma de imitação, citação, retorno a pensadores antigos, ou mesmo ruptura (CHARTIER, 2011 *apud* PELLON, 2013, p. 45).

Por fim, a forma escrita esgotada neste estudo buscou atender aos critérios que delimitam a diferenciação da classificação narrativa da história das demais formas narrativas, tais como: a ficção, o romance ou a literatura. Para Chartier (2002), uma preocupação fundamental é determinar os limites que dão à narrativa seu lugar na forma de organizar o discurso histórico em diferenciação de outras formas literárias da escrita, dos quais compartilha elementos em comum. O autor aponta que a história não fornece um conhecimento mais ou menos verdadeiro do que o argumento de um romance. Ela (a história) é sempre organizada a partir de figuras e de fórmulas que também mobilizam as narrações imaginadas da realidade passada. O que é preciso lembrar, no entanto, é que a meta do conhecimento é constitutiva da própria intencionalidade histórica e, mais ainda, funda as operações específicas da disciplina, a saber: “construção e tratamento

dos dados, produção de hipóteses, crítica e verificação dos resultados, validação da adequação entre discurso de saber e objeto” (CHARTIER, 2002, *apud* PELLON, 2013, p. 44).

4 DE WALESKA AO LIVRO – CONSTRUÇÃO DE PERSONALIDADES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Para que seja possível descortinar as representações incutidas no livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, julgou-se necessário, nesta seção, revelar o contexto de onde despontaram a autora e seu livro, assim como a circulação dos discursos de conhecimento de enfermagem à época, aspectos inerentes à compreensão do estudo. Foi necessário compreender a autora, tal qual observa Chartier (2012a, p. 27), “*como uma função característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade*”. Tal aprofundamento permitiu melhor compreender o livro, no decorrer do estudo, enquanto um objeto produtor de sentidos, a partir de suas representações.

O ensino sistematizado da Enfermagem data de pouco mais de um século (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008). O período de 1890 a 1950 chama a atenção pela riqueza de informações sobre os acontecimentos que projetaram a Enfermagem brasileira e, como esta temática é discutida isoladamente por vários autores, procurou-se compilar alguns estudos no sentido de aclarar determinadas questões para a reflexão sobre esta fase da história da Enfermagem e suas possíveis relações com a publicação do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão.

A literatura aponta que a Enfermagem, historicamente, buscou sua autonomia enquanto profissão da área da saúde, procurando adequar-se às determinações sociais e legais das Políticas de Saúde e Educação brasileiras. Nesse sentido, é importante pontuar que os momentos históricos principais da Enfermagem no Brasil devem ser interpretados tanto através de sua especificidade quanto do seu relacionamento com as transformações gerais na infraestrutura da sociedade brasileira (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008). Isto significa que a história da Enfermagem não se processa num espaço abstrato, mas ela se dá de forma concreta na sociedade brasileira com seus determinantes econômicos, políticos e ideológicos (GERMANO, 1993).

A primeira iniciativa oficial com relação ao estabelecimento da Enfermagem profissional no Brasil foi a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, pelo Decreto nº 791/1890,

posteriormente denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, hoje uma unidade da UNIRIO, que se aproximava mais do Sistema Francês que o Sistema Nightingale (CARVALHO, 1972).

Em 1916, como repercussão do movimento mundial de melhoria nas condições de assistência aos feridos da Primeira Guerra Mundial, a Cruz Vermelha Brasileira² criou uma Escola no Rio de Janeiro, subordinada ao Ministério da Guerra³. Posteriormente a escola foi subordinada ao Ministério da Educação e Cultura, como as demais. Foi equiparada à Escola de Enfermeiras "Ana Neri", conforme Decreto 20209/31, pelo Decreto 24768/1948 (CARVALHO, 1972; ALMEIDA; ROCHA, 1989; MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Nesse contexto de surgimento de Escolas de Enfermagem brasileiras, ainda em 1916, foi lançado o livro intitulado *Livro do Enfermeiro e da Enfermeira – para uso dos que se destinam à profissão de enfermagem e as pessoas que cuidam de doentes*, de autoria do médico Getúlio dos Santos⁴ (PORTO; SANTOS, 2008). Segundo Mott e Tsunehiro (2002, p. 593-594), esse livro pode ser considerado o primeiro manual para o ensino de enfermagem profissional, escrito por autor brasileiro. Esse livro descrevia às qualidades exigidas à mulher para ser enfermeira para a prática na caridade e bondade, consoantes com os princípios da Cruz Vermelha Brasileira (CVB) (PORTO; SANTOS, 2008).

Outra obra de interesse que marcou a historiografia da enfermagem brasileira foi o livro *Curso de Enfermeiros*, de Adolpho Possollo⁵, publicado em 1920. O livro é

² Sobre a Cruz Vermelha Brasileira, ver: PORTO, F.; SANTOS, T.C.F. Sede da Cruz Vermelha no Brasil completa cem anos. Revista de História.com.br. Publicado em 17/11/2008. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/historia-da-enfermagem>, acessado em 06/10/2014.

³ Um detalhe quanto a esta Escola é que o Decreto 21141/1932, que aprovava o regulamento para a organização do quadro de Enfermeiras do Exército, determinava a fiscalização da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira pela Diretoria de Saúde da Guerra, desvinculando o exercício profissional dos enfermeiros por ela formados, das determinações do Decreto 20109/1931, que regulava o exercício de Enfermagem no Brasil e fixava as condições para a equiparação das escolas de Enfermagem.

⁴ Por cerca de 30 anos (entre 1917-1945), a Escola de Enfermeiras da CVB do Rio de Janeiro foi dirigida por médicos. Getúlio dos Santos (1881-1928) foi um dos principais professores e diretor da Escola por vários anos. Natural do Espírito Santo tinha formação militar, era tenente-coronel e médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com especialização na Europa. Além de ensinar, foi Secretário Geral e Diretor do Instituto Médico, tendo participado de duas Conferências Pan-Americanas patrocinadas pela entidade (1924 e 1926) (MOTT; TSUNECHIRO, 2002, p. 594). Getúlio Santos esclareceu que o motivo que o levou a escrever o livro foi à carência de literatura e de profissionais de conhecimento técnico e prático para exercer as atividades da enfermagem. O livro destinava-se aos professores, alunos e interessados em auxiliar os médicos no tratamento aos doentes. O livro foi editado em 1916, 1918 e 1928 (PORTO; SANTOS, 2008).

⁵ Adolpho Possollo foi chefe do Serviço de Cirurgia do Ambulatório Rivadávia Corrêa e docente da Clínica Cirúrgica da Faculdade do Rio de Janeiro, e destacou em seu livro que seu conteúdo seguia a orientação do programa oficial estabelecido pelo Decreto nº 791/1890, relacionado ao aspecto legal de

publicado como resposta a uma necessidade crescente de formação de enfermeiros no país. Aparece no contexto do movimento sanitário brasileiro do início do século XX, fruto da escassez de pessoal de Enfermagem habilitado. Este é um período de criação e desenvolvimento de escolas de enfermeiros, que promove o ensino técnico (teórico e prático) (SILVA, 2009, p. 35; RODRIGUES; GOMES; ALMEIDA, 2008, p. 87).

Nesse cenário de consolidação da profissão e construção de conhecimentos, tem-se, posteriormente, a criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública⁶ (Dec. 15799, de 10/12/1922), que constituiu o início de uma nova fase para a enfermagem brasileira. O acontecimento deveu-se, principalmente, a seu Diretor à época, Carlos Chagas, e ao grupo de enfermeiras norte-americanas⁷, trazido pela Fundação Rockefeller, a pedido daquele, para prestarem serviço no Departamento⁸. Tal conjuntura, no que concerne à enfermagem brasileira, representa um marco, o denominado “advento” da “Enfermagem Moderna” no país. (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

É importante apontar ainda que, a partir de então, a Enfermagem procura consolidar-se buscando garantir seu espaço profissional com a fundação, em 1926, da

criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. A segunda edição foi publicada em 1931 pela Livraria Azevedo-Editora, Erbas de Almeida & cia, do Rio de Janeiro, fruto da enorme procura do livro, o que levou à rápida ruptura da primeira edição (SILVA, 2009, p. 35; RODRIGUES; GOMES; ALMEIDA, 2008, p. 87).

⁶ A atual Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi inicialmente denominada Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública - DNSP (1922), passando à denominação Escola de Enfermeiras D. Ana Nery (1931), logo depois Escola Ana Néri (1937) e depois para Escola de Enfermagem Anna Nery / UFRJ (1965). Para efeito deste estudo e melhor compreensão, utilizarei a denominação vigente: Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN). Tal critério será utilizado para as demais escolas a serem analisadas.

⁷ Nesse sentido, Carlos Chagas ao conhecer o trabalho no padrão nightingaleano das enfermeiras norte-americanas, acreditou ser este o profissional necessário para a estratégia sanitária do governo brasileiro e solicitou auxílio ao *International Health Board* para criar serviço semelhante no Brasil. Assim foi criada a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, nos moldes das escolas americanas (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

⁸ O Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) foi criado em 1920, diante das evidências e necessidades de uma reforma sanitária à época. Neste mesmo ano, o sanitário Carlos Chagas se torna diretor do DNSP, concretizando-se o que mais tarde denominaríamos de Reforma Carlos Chagas. A Reforma se amparou em dois Decretos, n.º 3.987 de 02 de janeiro de 1920 e n.º 14.354 de 15 de setembro de 1920, que dispuseram sobre a criação e regulamentação do DNSP, caracterizando, assim, a presença do Estado brasileiro na reorientação da política de saúde, a partir da centralização das ações no campo da saúde pública em um Departamento. Em 1921, após o pedido de apoio de Carlos Chagas ao *International Health Board* (IHB) para implantação do Serviço de Enfermeiras no Brasil, a Fundação Rockefeller (FR) criou uma Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, para levar adiante as reformas necessárias à implantação do serviço. Com isso, ainda em 1921, a enfermeira americana Ethel Parsons veio ao Brasil para a criação de um serviço de enfermeiras no DNSP e de uma escola de enfermeiras. Esta estratégia ficou conhecida como Missão Parsons e atuou no Brasil durante dez anos consecutivos (1921 - 1931), com o patrocínio da FR (FREIRE; AMORIM, 2008).

Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras⁹, com a regulamentação do exercício da Enfermagem pelo Decreto 20109/1931 e também com a publicação da revista *Anais de Enfermagem*, em 1932 (CARVALHO, 1972; GERMANO, 1993; MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

O ensino na área de enfermagem expandiu-se a partir da década de 1930, e com o número crescente de estudantes e escolas de enfermagem, aumentou a demanda de livros de conhecimento, fenômeno que caracterizava o desenvolvimento da geração e da transmissão do saber conquistado. A chamada “enfermagem moderna”, assim, afirmou-se a partir da ideia da difusão do conhecimento, e seus suportes fundamentais foram o livro e a revista científica impressa (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008; MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 331 – 347).

Nesse cenário, é criada ainda a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), denominação mantida até 1968 da atual Escola de Enfermagem, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 7 de julho de 1933, pelo Decreto nº 10.952. A sua criação contou com a iniciativa da Diretoria de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais e da Diretoria da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, após os entendimentos ocorridos entre as duas instituições, os seus respectivos Diretores, Dr. Ernani Agrícola e Dr. Antonio Aleixo (SANTOS; RODRIGUES; LIMA, 2004, p. 476).

É interessante notar que, antes mesmo da assinatura do decreto de criação da EECC, a imprensa mineira começou a noticiar o empreendimento que a Diretoria de Saúde Pública tinha acordado com a Faculdade de Medicina. Em 5 de julho de 1933, o Estado de Minas publicou uma matéria intitulada "Uma modelar escola de enfermagem", na qual há informações sobre "um contrato para instalação de uma escola de enfermagem nos moldes da Escola Oficial Padrão ‘Anna Nery’" (SANTOS; RODRIGUES; LIMA, 2004, p. 476).

⁹ A Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) tem sua origem estreitamente ligada à Escola de Enfermeiras do DNSP, criada em 1922 e regulamentada em 1923, atual Escola de Enfermagem Anna Nery - EEAN, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A ideia surgiu a partir de ex-alunas, após a diplomação da turma pioneira da Escola de Enfermeiras Anna Nery (EAN) em 1925. A Associação foi fundada no dia 12 de agosto de 1926, com o nome de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas - ANED. Em 1929, ano em que a Associação filiou-se ao Conselho Internacional de Enfermeiras (CIE), a Associação passou a chamar-se Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, por exigência deste Conselho. Numa reunião com vistas a uma nova reforma no estatuto da Associação (a primeira havia ocorrido em 1929), decidiu-se em 1944, entre outras alterações, mudar o nome da Associação, que passou a chamar-se Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED). Essa denominação durou até o ano de 1954, quando, numa Assembléia Geral, a entidade ganhou o nome de Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn e seu órgão oficial de comunicação passou a ser conhecido como a Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn, denominações que permanecem até os dias atuais (CARVALHO, 1976, p. 33-39).

Laís Netto dos Reys foi a enfermeira responsável por organizar, a convite do governo de Minas Gerais, a EECC. Formada pela primeira turma da EEAN, Laís, pertencente a uma tradicional família fluminense, católica e com cursos fora do país, ficou a frente da gestão da EECC até o ano de 1938, quando foi nomeada para exercer o cargo de diretora da EEAN, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1950, quando se licenciou por motivo de doença e veio a falecer¹⁰.

Católica “fervorosa”, Laís Netto dos Reys fez com que ficasse em evidência uma postura diferenciada entre as alas católica e as de orientação americana. Sua posição refletiu diretamente, em ambas as escolas, através de uma orientação pedagógica e uma posição política diferenciada, destacada devido a uma forte aliança com a Igreja e, posteriormente, com o governo ditatorial de Vargas, caracterizado por um exacerbado nacionalismo e que fazia uso da força da Igreja para atingir seus fins (BARREIRA *et al*, 2010, p. 06).

A EECC foi a segunda escola de enfermagem do País, criada sob a inspiração do modelo angloamericano de ensino (SANTOS; RODRIGUES; LIMA, 2004, p. 476), e se destaca nesse estudo, juntamente com a Escola de Enfermagem Anna Nery, por terem sido campos de atuação e projeção de Waleska Paixão e seu livro, *Páginas de História da Enfermagem*, focos dessa pesquisa. Laís Netto dos Reys, por sua vez, figura nesse cenário como um importante personagem, de relações próximas com Waleska Paixão, influenciadora também na distinção e configuração da carreira profissional da autora do livro objeto desse estudo.

E foi nesse contexto que foi publicado o primeiro livro escrito por uma enfermeira brasileira, *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, em 1933¹¹. Formada pela Escola Anna Nery e com cursos no exterior, Zaíra publicou o livro com base em suas experiências e nas necessidades da profissão (FREIRE, 2014, p. 60), influenciando na conformação educacional e abrindo campo para que outras publicações brasileiras tivessem destaque quando publicadas.

Ao observar a década de 1940, percebe-se que esta foi marcada pelo populismo de Getúlio Vargas. Naquilo que diz respeito às suas características de governo, o

¹⁰ Fontes:

http://www.cantanhede.ma.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=754:especial-de-domingo-lais-netto-dos-reys&catid=51:Especial%20de%20Domingo&Itemid=126, acessado em 22/01/2015. E <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escenfan.htm>, acessado em 04/03/2015.

¹¹ Para maior aprofundamento, ver: FREIRE, M.A.M. As representações da técnica no livro “Técnica de enfermagem”, de Zaíra Cintra Vidal (1933-1963). **Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências)** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

presidente destacou-se por mostrar que tinha um compromisso com o povo, que se preocupava com suas necessidades e que buscava o desenvolvimento capaz de proporcionar o bem-estar a todos, independente da classe social (GADOTTI, 1992). Assim foi que a escola, na era Vargas¹², representava a maneira ideal de reprodução da nova ideologia desenvolvimentista, cabendo, portanto, dentro desta política, a criação de várias escolas de enfermagem (BAPTISTA; BARREIRA, 1997, p. 37).

Nesta mesma conjuntura, foram criadas mais duas escolas¹³ públicas de enfermagem, no Rio de Janeiro, ambas no ano de 1944. A primeira delas foi a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo¹⁴ (atual Faculdade de Enfermagem da UERJ), e a outra escola criada nessa época foi a Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro¹⁵ (atual Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da UFF – Universidade Federal Fluminense) (FREIRE, 2014, p. 61-62).

Percebe-se que, até 1956, então, haviam 33 escolas de enfermagem. Vale destacar a participação da Igreja neste processo, onde, até 1954, existiam 12 escolas de enfermagem e 11 de auxiliares de enfermagem mantidas por instituições religiosas (ABEn, 1980; CARVALHO, 1972). A moral religiosa fez com que a enfermagem, ainda neste período, fosse considerada sob o prisma da abnegação e da vocação, duas qualidades que as escolas deveriam cultivar na formação do enfermeiro (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

E foi com o desenrolar de tais acontecimentos que teve-se publicado, em 1951, a primeira edição de *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão. Com formação sólida e apoio de líderes do campo da enfermagem à época, Waleska publicou o primeiro livro sobre a história da profissão, cujo processo de consolidação no Brasil, ainda acontecia. E, conforme afirma Barreira (1999, p. 90), um estudo histórico interessava (e interessa) à enfermagem, pois a construção de uma memória coletiva possibilita a tomada de consciência daquilo que se é realmente, enquanto produto histórico, o desenvolvimento da auto-estima coletiva e a tarefa de (re)construção da

¹² Getúlio Dorneles Vargas – estadista brasileiro, líder da Revolução de 1930, chefiou o governo provisório a partir deste ano. Foi eleito presidente logo em seguida e proclamou um governo ditatorial denominado Estado Novo, em 1937, o qual vigorou até 1945 (LIMA; BAPTISTA, 2000).

¹³ No que tange aos aspectos relativos à expansão do número de escolas de enfermagem conforme modelo anglo-americano, foram criadas 24 escolas de enfermagem: nove católicas, três ligadas a hospitais evangélicos, seis estaduais, três federais, duas da Cruz Vermelha e uma municipal, no período de 1923 a 1949. Para que seus cursos fossem reconhecidos em todo o território nacional, as instituições deveriam solicitar ao então Ministério de Educação e Saúde Pública a equiparação, conforme o Decreto-lei nº 20.109, de 15 de junho de 1931 (TOLEDO *et al*, 2008).

¹⁴ Decreto nº 6.275 de 16/02/44.

¹⁵ Decreto-Lei nº 1.130 de 19/04/1944, data de aniversário do então presidente Getúlio Vargas.

identidade profissional. Assim, o desvelar de uma realidade mediante o estudo da História da Enfermagem permitiria um novo olhar sobre a profissão.

Dessa forma, dentro desse processo de criação de escolas, evolução e consolidação da profissão, formação e profissionalização, pode-se notar que houve uma grande preocupação em preparar e formar enfermeiras de alto padrão. A preocupação com o ensino e a influência norte-americana na Escola Anna Nery foram fatores que direcionaram a formação pensada de futuras líderes da enfermagem, que angariariam posições estratégicas no campo da saúde e da educação. Waleska Paixão foi uma dessas personalidades formadas, cuja prática profissional e produção científica influenciaram na conformação do campo educacional ao longo de alguns anos.

4.1 Waleska Paixão: uma agente na escrita da História da Enfermagem

Waleska Paixão nasceu no dia 3 de novembro de 1903, em Petrópolis, Rio de Janeiro, onde cursou o ensino fundamental e médio. Pertencente a uma família de elevado capital cultural, Waleska comunicava-se também em três línguas estrangeiras: inglês, francês e espanhol. Com a experiência de casa, tornou-se professora e catequista autodidata, lecionando desde os 14 anos de idade no Externato Paixão, fundado por seu avô, assumindo ainda a diretoria do mesmo, por algum tempo (AZEVEDO, CARVALHO, GOMES, 2009, p. 32).

Seu envolvimento com a Enfermagem se deu aos 15 anos de idade. A doença de uma de suas irmãs levou-a a aprender a aplicar injeção. A partir daí, começou a ser chamada para atendimento domiciliar. Nessas visitas, buscava atender não só o que fora recomendado pelo médico. Atendia aos doentes, atentando para detalhes como a alimentação, o posicionamento, a necessidade que eles tinham de ser ouvidos. Contudo, apesar da sua identificação com a enfermagem e do seu desejo de cuidar de doentes, Waleska sabia que a sua família não concordaria com seu ingresso na profissão. Ela revelou que aos 19 anos viu um anúncio de curso de enfermagem da atual EEAN e teve vontade de matricular-se (SANTOS, CALDEIRA, MOREIRA, 2010, p. 270). Mas tinha certeza de que a sua mãe não iria deixar, pois, segundo Paixão (1998) *apud* Santos, Caldeira e Moreira (2010, p. 270),

naquele tempo, praticamente enfermagem não existia. Era exercida por pessoas de nível bastante baixo, às vezes boas, mas sem uma certa visão. (...) Por outro lado, nesse tempo, eu estava pensando muito na vida religiosa. Quando eu era menina, vi que as irmãs de caridade é que deviam cuidar dos pobres.

Sua reaproximação com a enfermagem se deu com uma situação de doença e em decorrência de sua grande amizade com Laís Netto dos Reys, que estava em Belo Horizonte, Minas Gerais, organizando a, posteriormente denominada, Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), onde, vale destacar, foi a primeira diretora. Diagnosticada com hipertireoidismo, Waleska foi convidada por Laís a passar um ano em Belo Horizonte, o que a fez olhar e conhecer mais profundamente a enfermagem. (SANTOS, CALDEIRA, MOREIRA, 2010, p. 270).

Em 1933, Waleska foi convidada por Laís Netto dos Reys, que, à época, já dirigia a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), para lecionar a disciplina “Drogas e Soluções”, pois havia uma carência de professoras na Escola. Ademais, o conteúdo desta disciplina estava mais relacionado a cálculos do que conhecimento específico em enfermagem. Segundo Azevedo, Carvalho e Gomes (2009, p. 32), em depoimento, Waleska esclarece que relutou em aceitar a incumbência. A mesma referia que apesar de deter conhecimento em cálculos, não havia preparação especializada para a atribuição. Porém, diante da insistência e persuasão de Laís Netto dos Reys, sentiu-se convencida a aceitar a incumbência (AZEVEDO, CARVALHO, GOMES, 2009, p. 32).

Assim, em 1935, Waleska Paixão inicia sua trajetória como docente, e, posteriormente, como aluna na EECC. No período de 1935 a 1948 ela ministrou disciplinas, tais como: “Ética e História da Enfermagem”; “Enfermagem Cirúrgica”; “Português”; “Matemática”; “Cálculos e Soluções”; “Psicologia”; “Nutrição”; “Higiene Geral e Histologia”. E, aos 31 anos de idade decidiu, por forte influência de Laís Netto dos Reys, cursar enfermagem (SANTOS, CALDEIRA, MOREIRA, 2010, p. 271).

Se em algum momento, Waleska Paixão teve dúvidas sobre a sua dedicação à educação ou à enfermagem, a sua trajetória como professora de enfermagem mostra que ela trabalhou intensamente pela melhoria da qualidade do ensino de enfermagem e pela formação de enfermeiras moral, ética e socialmente comprometidas com o doente, com a saúde da população e com a profissão. Ademais, em poucos anos, ela percorreu os caminhos de aluna, professora e diretora. Segundo Nascimento *et al* (1999) *apud* Santos, Caldeira e Moreira (2010, p. 272):

Ao iniciar o curso, em 1936, viveu a contradição de ser ao mesmo tempo, professora e aluna. Em 21 de novembro de 1938, terminou o curso de Enfermagem e, quatro meses depois, assumiu a direção da EECC. No cargo continuou enfrentando a dificuldade de atender todas as exigências necessárias para a equiparação da Escola ao padrão oficial. Essa meta foi alcançada em 1942, durante a sua gestão.

Além disso, cursou simultaneamente Sociologia, Filosofia e Moral, no Instituto Superior de Cultura Católica, em Belo Horizonte. Estudou na Universidade de Cornell, em Nova Iorque (Estados Unidos), no período de 1943 a 1944 onde cursou Administração e Ensino. Lecionou em várias instituições de ensino, entre elas: Colégio Sion, Colégio Santa Maria, Escola de Comércio de Belo Horizonte, Externato Paixão, Escola de Enfermagem Carlos Chagas e Escola de Enfermagem Anna Nery. Nas três últimas, ocupou também o cargo de diretora (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183).



Imagem 1 – Waleska Paixão em imagem cedida pelo Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG, com subtítulo “*Enfermeira Waleska Paixão, Diretora da EECC de 1939 a 1948. Acervo da Escola de Enfermagem da UFMG*”.

Durante a sua permanência na EECC (1939-1948), Waleska Paixão, exerceu, também, a função de Inspetora das alunas e, em uma das reuniões em que se discutia a organização e o funcionamento do Internato da Escola, ela sugeriu a criação de um Grêmio e de um órgão literário a ele associado. De acordo com a aluna que elaborou o “histórico do Internato”, “*foi escolhido o nome ‘9:55’ para o Grêmio e ‘5 p’ras 10’ para o órgão oficial do mesmo, porque é esta a hora do sinal de silêncio*”. O Jornal

“Cinco p’ras Dez” exigia, para a sua elaboração, redação e divulgação, a participação compulsória das alunas, das professoras e dos demais moradores do internato. As matérias e as notícias, apresentadas em prosa e versos, informavam o dia-a-dia da Escola. A contradição vivenciada em ser aluna e professora é manifestada escritos de Waleska, aflorando a sua veia literária, servindo-se de estímulo e exemplo para suas colegas e alunas. A participação de todos os moradores do internato da EECC com matérias para este jornal foi muito expressiva, sendo ele considerado, na época, o porta voz da Escola (SANTOS, CALDEIRA, MOREIRA, 2010, p. 272). E ao trazer o Jornal como o porta-voz da Escola, Waleska Paixão (1936), ainda em estudo de Santos, Caldeira e Moreira, (2010, p. 272), disse que o “Cinco p’ras Dez”:

deixará gravadas as grandes datas da Escola e dirá às colegas que nos sucederem que suas irmãs mais velhas trabalharam para o futuro, desejaram firmar as tradições da casa e legar-lhes com o exemplo da boa vontade e do esforço para melhorar, um espírito de cooperação... impregnado de caridade, que nos torne a todas menos indignas do ideal de cristãs, Enfermeiras e Brasileiras.

Em 1946, mobilizou-se para a criação de um órgão defensor do exercício da profissão de enfermagem, em Minas Gerais. Na ocasião, a única entidade de classe da Enfermagem era a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED), criada em 1926, no Rio de Janeiro, denominada atualmente Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn); naquele momento iniciava-se um movimento de expansão, sendo que já tinham sido criadas três seções estaduais da entidade, em território brasileiro, em São Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas. Dessa forma, e ciente do contexto que envolvia a associação, reuniu algumas enfermeiras que comungavam de seu ideal e articulou a criação de uma Seção Estadual da ABED em Minas Gerais (AZEVEDO, CARVALHO, GOMES, 2009, p. 33).

Dentre as inúmeras funções exercidas por Waleska Paixão, destaca-se a presidência da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn Nacional) de 1950 a 1952, e das seções do Rio de Janeiro, Sergipe e Minas Gerais, em períodos distintos. Ocupou, ainda, o cargo de vice-presidente internacional do Comitê Internacional Católico de Enfermagem e Assistentes- Médico-Sociais (CICIAMS), para a América Latina, de 1958 a 1962 (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183).

Estudo de Santos, Caldeira e Moreira, (2010, p. 272), traz que em 1948, Waleska Paixão demitiu-se da EECC, quando ocupava o cargo de diretora (1939-1948). A sua

decisão em demitir-se do cargo de diretora foi devida a sua discordância com a ideia do recém-empossado Diretor de Saúde Pública, da Secretaria de Educação e Saúde Pública, do Estado de Minas Gerais, que pretendia reestruturar a Escola para que ela atuasse apenas na formação de enfermeiras de saúde pública. Assim, sem conseguir demovê-la da ideia, Waleska Paixão deixou a direção da EECC.

Questões pessoais ainda contribuíram com tal decisão. Com a saúde debilitada e emocionalmente preocupada com a família, em 1948, Waleska Paixão pediu a exoneração do cargo de Diretora da EECC e retornou ao seu estado de origem, Rio de Janeiro, para permanecer próxima de sua família, residente em Petrópolis. Em paralelo, aproveitou para aceitar o convite de Laís Netto dos Reys, que à época dirigia a Escola de Enfermagem Anna Nery, para trabalhar na referida escola (AZEVEDO, CARVALHO, GOMES, 2009, p. 33).

Nesse sentido, Waleska Paixão, estando apta a assumir direção de Escolas de Enfermagem, tornou-se, novamente, sucessora de Laís Netto dos Reys, em 1949, iniciando sua trajetória na EEAN¹⁶. Dos atributos que emergem para fazer de Waleska Paixão uma personagem de destaque no campo da enfermagem brasileira, ressalta-se a sua versatilidade (SANTOS, CALDEIRA, MOREIRA, 2010, p. 273).

Após dois anos no cargo de professora e de atividades de contribuição à diretoria da Escola, em 10 de julho de 1950, Waleska foi nomeada pelo Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, para exercer o cargo de Diretora da Escola Anna Nery da Universidade do Brasil, vago em virtude do falecimento de Laís Netto dos Reys (AZEVEDO, CARVALHO, GOMES, 2009, p. 33).

Waleska Paixão foi Diretora da EEAN durante 16 anos (1950-1966) utilizando principalmente a sua inteligência e determinação para alcançar êxito nas lutas travadas em prol do crescimento e desenvolvimento da profissão, em especial garantindo os avanços da EEAN. Cabe destacar durante a sua gestão, a promoção de Reuniões de Diretoras de Escolas de Enfermagem brasileiras realizadas na EEAN, onde foram discutidas questões relativas ao ensino de enfermagem. Acrescente-se especial atenção à formação docente, através da obtenção de bolsas de estudos para encaminhar aos Estados Unidos várias professoras da própria escola. Ainda na qualidade de diretora da EEAN, desempenhou várias atividades, tais como: professora das disciplinas de “Ética

¹⁶ Waleska Paixão foi admitida na EEAN segundo a Portaria nº 91 de 24 de junho de 1948; publicada no Diário Oficial de 30/06/1948, sendo sua posse para exercer o cargo de enfermeira, em 01 de julho de 1948 (AZEVEDO, CARVALHO, GOMES, 2009, p. 33).

Profissional”, de “História e Legislação de Enfermagem” (AZEVEDO, CARVALHO, GOMES, 2009, p. 33).

À época, Waleska também foi membro ativo do Conselho Universitário, dedicou especial atenção aos avanços do Curso de Enfermagem e ao desenvolvimento do Curso de Serviço Social que, em sua gestão, era uma das partes da Escola Anna Nery. Sob sua liderança, houve decisivos avanços em relação aos estudos de Ética e de Legislação Profissional, de implementação de Currículos e de programas de Especialização em Enfermagem. Neste contexto, além de consagrada conferencista em várias programações de Congressos Brasileiros e de outros eventos internacionais, com temas centrados em Ética, Ensino e Assistência de Enfermagem, apresentou trabalhos e contribuições ao saber da enfermagem, inclusive com algumas produções endereçadas à maternidade e à infância. E tornou-se, enfim, a autora do primeiro livro brasileiro de História da Enfermagem, um subsídio inestimável à formação do ensino profissional (CARVALHO, 2008, p. 30).

Segundo Carvalho (2008, p. 31-36), Waleska Paixão recebeu carta, agradecendo e parabenizando-a pelo excelente livro *Páginas de História da Enfermagem*, em 05 de dezembro de 1951, assinada pelo Dr. Pedro Calmom, Reitor da UFRJ à época. Em maio de 1959, fora enviada uma carta assinada pelo Diretor e Presidente da Maternidade Arnaldo de Moraes, comunicando-a da criação do “Prêmio Waleska Paixão” a ser concedido à Enfermeira Diplomada mais destacada nos aspectos técnicos e ético-profissional de Enfermagem.

Após o seu pedido de aposentadoria, ocorrido ao término do período de direção da Escola Anna Nery, professora Waleska Paixão foi para o interior de Sergipe, num município a 49 quilômetros de Aracaju com alta taxa de mortalidade infantil, Santa Rosa de Lima, um dos menores do Estado, com apenas 82 km² de área, onde ficou por aproximadamente vinte anos. Lá estando, Waleska Paixão não só se preocupou em dar assistência de enfermagem, mas também se envolveu com outras necessidades locais. Com isso, juntamente com mais duas amigas, fundou, creches, jardim de infância, escola primária e, ainda, organizou um serviço médico-pediátrico, dentre outras (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183).

Interessante ressaltar a religiosidade na vida de Paixão. Catequista desde os 14 anos de idade, sempre trabalhou em benefício dos necessitados. Escreveu vários artigos sobre esta temática, como “Trabalho sobre Catequese”, publicado na Revista dos Professores Católicos (1935), “Métodos e Programas” e “Formação da Consciência”,

ambos publicados nos Cadernos Catequéticos (1936, 1940 e 1941, respectivamente). Além disso, foi colaboradora do Boletim Catequético no período de 1936 a 1950. Enriqueceu a literatura infantil com algumas narrativas, como “Contos da minha Irmã” (1933) e “Contos para Meus Sobrinhos” (1935), além de colaborar na revista infantil “O Beija Flor” (1920-1925) – contos (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183).

Em 1983, por meio da Escola de Enfermagem Anna Nery, aos 80 anos de idade recebeu o título de *Doctor Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Waleska Paixão faleceu em 25 de novembro de 1993, aos 90 anos (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183).

Percebe-se, assim, analisando a pessoa de Waleska Paixão, uma figura religiosa, com aptidões e interesse pessoal em cuidar do próximo. Fato estes que a aproximaram, através da amizade com Laís Netto dos Reys, da profissão, principalmente como educadora. Num contexto de influências determinantes na sua vida profissional, Waleska Paixão destacou-se profissionalmente e teve projeção através de suas publicações, principalmente com o livro “Páginas de História da Enfermagem”, uma de suas mais expressivas contribuições à Enfermagem brasileira, que é o centro do presente estudo.

5 REPRESENTAÇÕES DA ENFERMAGEM NO LIVRO “PÁGINAS DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM”

Chartier (2003) percorre os vários modos de apresentação do escrito para discutir as maneiras pelas quais eles e seus suportes contribuíram para a compreensão de seus significados subjacentes. E conclui que cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações.

Dessa forma, o texto e seus suportes de apresentação e transmissão estão, na visão de Chartier (2003), profundamente ligados, sendo de acrescentar que é, inclusive, possível um determinado tipo de texto ter influência sobre a configuração do suporte.

É nesse sentido, acrescenta Araújo Neto (2006), que se pode examinar a materialidade de um livro. Pois aqui justifica-se a associação entre “materialidade” e “sentido”, numa confluência que converge para a própria história cultural. O livro, portanto, enquanto objeto e como um dos elementos reveladores de orientações estéticas e ideológicas.

Da sociologia dos textos, Chartier (1994 *apud* PELLON, 2013, p. 46) subtrai, então, uma preocupação em relação ao estudo das razões e dos efeitos das materialidades. No caso dos impressos, lembra o autor, o fenômeno se manifesta no seu formato. Neste aspecto, os dispositivos de paginação, o modo de dividir o texto, as convenções que regem a sua apresentação tipográfica, dentre outros, atuam no controle que editores ou autores procuravam exercer sobre essas formas. A finalidade, no caso, era exprimir uma intenção, governar a recepção e reprimir a interpretação.

Chartier (2003) distingue ainda dois processos relevantes: o de *mise en texte* e o de *mise en livre*. O primeiro diz respeito aos “comandos” linguísticos e estéticos inscritos no texto por um autor a fim de produzir certa leitura. Tais dispositivos textuais, agenciados pelos autores da obra, atuam em conjunto com outros, oriundos das formas tipográficas (*mise en livre*). Estas interferem não apenas nas habilidades das “mãos mecânicas”, que compõem os livros, mas também na imagem que os editores fazem do produto que oferecem ao público. Assim como a representação que eles (os editores) têm das competências de leitura daqueles a quem se destina prioritariamente a

obra. Concordamos com Chartier quando ele diz que no texto do livro didático há diferentes maneiras de relacionar os elementos relativos à configuração textual (*mise en texte*) e os elementos gráfico-editoriais que extrapolam o texto (*mise en livre*), e se constituem em protocolos de leitura e de escrita (FRADE, 2010, p. 171 – 190).

Assim, todo o conjunto de elementos que compõe a materialidade do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, é, para efeito deste estudo, portanto, analisado na perspectiva de identificar as estratégias mobilizadas pela autora e os colaboradores de autoria, aqui entendidos como os demais profissionais envolvidos com a produção tipográfica do livro, para exercer um controle sobre a leitura de mundo. Uma leitura nos moldes em que ela não só acreditava, mas queria fazer com que os demais acreditassem: a construção de uma história da profissão, que refletiam um processo de consolidação de qualidade e sucesso.

Desde a década de 1920, o campo dos livros didáticos e das obras de referência, voltados à educação, passou a ser um mercado em expansão, fruto da política educacional e da reorganização dos arranjos e correlações políticas de caráter republicano (DUTRA, 2010, p. 84). No que diz respeito à área da saúde e à enfermagem, especificamente, a década de 1930 caracterizou-se por movimentos de transformação. A reforma que culminou com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública – DNSP, em 1920, as políticas públicas voltadas para a saúde pública brasileira, a influência norte-americana na organização dos serviços de saúde e de enfermagem e a criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, atual Escola de Enfermagem Anna Nery, foram elementos que impulsionaram a produção de livros brasileiros na área da Enfermagem.

A disseminação da comunicação científica passou por dois processos: o escrito, considerado formal, e o oral, considerado informal. Essa prática, com o tempo, consolidou-se como meio de legitimação do conhecimento, pelo qual novas contribuições científicas passaram a ser reconhecidas e comunicadas. Segundo Marques Neto e Rosa (2010, p. 333), por meio da publicação, o saber científico se tornou público. E o saber público era a essência da escola moderna.

Hallewell (2012) inclui em seus levantamentos uma análise sobre os salários reais no Rio de Janeiro, no período de 1914 a 1961¹⁷ e, para tanto, considera a evolução

¹⁷ A Independência do Brasil, em 1822, naturalmente separou sua moeda da de Portugal, cuja unidade monetária era o mil-réis. Apesar das mudanças em Portugal por ocasião da Revolução de 1910, o Brasil

relativa do poder de compra. A autora constatou que o poder aquisitivo do trabalhador, seja ele um comandante de navio, funcionário público ou um operário não qualificado, diminuiu ao longo dos anos. Depreende-se daí que o salário, nas diversas classes de trabalhadores, defasado por falta de reajustes, já não dava conta dos custos de que a vida moderna exigia. Segundo El Far (2010, p. 96), um trabalhador pobre tinha de gastar em média um terço do que ganhava em um dia de serviço para comprar um livro popular à época. O profissional mais bem qualificado tinha uma margem maior de gastos, podendo adquirir, ao longo do mês, mais do que um exemplar.

Segundo Sá Earp e Kornis (2010, p. 349 – 362), o livro brasileiro era um dos mais caros do mundo. Não havia dotação orçamentária do governo federal para a compra de livros de referência e livros em geral para bibliotecas públicas. O papel importado ou até mesmo a celulose importada para a fabricação de papel para a posterior impressão dos livros brasileiros saía muito mais caro do que se houvesse a importação direta dos livros. O número de editoras no maior eixo de produção de livros do país, Rio – São Paulo, também era bem pequeno, em virtude do contexto ainda conturbado da década de 1930 (HALLEWELL, 2012).

E foi nesse contexto de poucas publicações pela enfermagem brasileira que surgiu a primeira edição do título *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, em 1951.

5.1 O livro “Páginas de História da Enfermagem”

A primeira edição do livro *Páginas de História da Enfermagem* foi publicada em 1951, pela Universidade do Brasil, atualmente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A segunda (1960), terceira (1963) e quarta (1969) edições foram publicadas pelo editor Bruno Buccini. A quinta e última edição foi publicada em 1979, pela Júlio C. Reis Livraria. Cabe ressaltar que o título *História da Enfermagem* somente foi utilizado a partir da quarta edição, sendo as três primeiras nomeadas de *Páginas de História da Enfermagem*. Trata-se do primeiro livro, escrito no Brasil, sobre a História da Enfermagem e foi, durante muitos anos, o único a ser utilizado no ensino e apoio à

manteve o mil-réis até novembro de 1942, quando instituiu o cruzeiro, que prevaleceu até 1967 (HALLEWELL, 2012, p. 937 – 938).

pesquisa em História da Enfermagem. Waleska Paixão, ao descrever a história da Enfermagem, preocupou-se em registrá-la desde os tempos antigos por acreditar que a história da profissão estava intimamente ligada à história das civilizações. O livro foi estruturado em uma visão tradicional da história; ou seja, os fatos são narrados em ordem cronológica dos acontecimentos, de onde são destacados personagens de notória importância histórica em cada período descrito (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183-184).

Waleska Paixão (1960, p. 02), preocupada com a dificuldade encontrada pelas alunas e professoras sobre a escassez de obras na língua vernácula, a qual é evidenciada no prefácio da 1ª edição do livro, destacou que “representam estas páginas apenas uma contribuição para a formação de nossas profissionais”.

A autora relatou que no período antes de Cristo, os conhecimentos científicos estavam, na maioria das vezes, associados às práticas religiosas e ressalta a figura de Hipócrates, na Grécia, que lançou as bases da medicina científica. Destacou um enorme progresso na área da saúde com a construção de hospitais e abrigos no Período da Unidade Cristã, nos quais a assistência era concedida por diáconos e diaconisas, assim como por viúvas, virgens e damas da sociedade. E ainda, o valioso papel de São Francisco de Assis, século XIII, na fundação das ordens franciscanas (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183-184).

No Período Crítico da Enfermagem, determinado pela reforma religiosa do século XVI, na Europa, ocorreu o fechamento de inúmeros hospitais, devido à expulsão das religiosas dessas instituições e sua consequente substituição por pessoas, segundo Waleska, de duvidosa moralidade, enquanto, nos primeiros movimentos de reforma da Enfermagem, distinguiu-se a realização de obras de caridade por S. Vicente de Paulo, criando a Confraria da Caridade e, posteriormente, o Instituto das Filhas da Caridade (Irmãs de Caridade), juntamente com Luiza de Marillac (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183-184).

Paixão colocou em destaque, na unidade Sistema Nightingale, a grande figura de Florence Nightingale, sua trajetória e suas conquistas. Salientou, inclusive, a criação de algumas associações de classe e a participação ativa da Cruz Vermelha em vários momentos da reforma da Enfermagem. Na parte referente à Enfermagem no Brasil, abordou a fundação dos primeiros hospitais e escolas de enfermagem no país, e, por fim, a autora destacou duas notáveis personalidades da medicina sanitária: Oswaldo Cruz, responsável, entre outras coisas, pela campanha de combate à Febre Amarela e a

vacinação contra a Varíola no Rio de Janeiro, e Carlos Chagas, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública e idealizador da Escola de Enfermagem Anna Nery (ALVES, SILVA JÚNIOR, 2006, p. 183-184).

5.1.1 Representações de Religiosidade, Autoridade, Poder e Institucionalização do Saber

Ao iniciar a análise do livro¹⁸, em todas as suas edições encontradas, nota-se uma formatação retangular vertical, com a largura menor do que a altura. A forma adotada obedeceu a uma orientação geométrica ideal para a transmissão da palavra escrita por sua semelhança com a proporção física do corpo humano.

Araújo (2008 *apud* PELLON, 2013, p. 48), no entanto, contesta tal assertiva. Segundo o autor, o mérito desse tipo de escolha é embasado em soluções práticas, visando condições propícias ao melhor aproveitamento dos papéis comerciais. Ainda segundo este autor, não há uma padronização a ser mantida como universal. No entanto, prevalece o princípio de que o formato retangular deve ser priorizado por possibilitar o usufruto funcional e cômodo de um objeto belo ou esteticamente agradável. Leva-se em conta ainda a comodidade do manuseio das páginas em relação à perfeita legibilidade do texto.

Depreende-se, então, que a formatação é essencial na composição de um conjunto harmônico de signos cuja organização deve possibilitar a legibilidade e a compreensão da leitura (ARAÚJO, 2008 *apud* PELLON, 2013, p. 48).

Dentre os padrões comumente utilizados, Araújo (2008) destaca os formatos estreito, o oblongo, o quadrado e o francês, sendo este último o padrão adotado na publicação das edições do livro *Páginas de História da Enfermagem*.

Além de um formato prático proporcionado ao editor na composição do livro, seu tamanho, tido por Araújo (2008) como um dos mais comuns, 16,0 x 23,0 cm, proporciona um melhor aproveitamento de cada folha e, por conseguinte, economia nos

¹⁸ O termo “Livro” tem sentidos diferentes nas estatísticas do Serviço de Estatística de Educação e Cultura (Seec) e nas do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel). Para o Seec, deve ter 48 páginas, do contrário é folheto. Para o Snel, “livro” é qualquer publicação não periódica sem fins publicitários. Assim, muitos livrinhos para crianças são folhetos para o Seec, mas livros para o Snell (HALLEWELL, 2012, p. 28).

custos de produção. O modelo também favorece ao leitor na medida em que facilita o manuseio e o transporte do livro, facilitando sua leitura.

Dentre as edições do livro *Páginas de História da Enfermagem* encontradas, a 2ª (1960) edição apresenta 16,5 x 23 cm, com 121 páginas; a 3ª edição 15 x 22 cm, com 116 páginas; e a 5ª e mais recente edição (1979) tem o formato de 13,5 x 20 cm, com 141 páginas.

Quanto ao tipo de capa, o contexto político do país explica bem o encontrado. Até 1920, os livros brasileiros usavam mais a capa dura do que a brochura. Porém, o pós-guerra trouxe para o país uma alta de preços, que, dentre tantas influências, afetou diretamente a produção de livros. Daí em diante, a brochura passou a ser a apresentação normal dos livros, embora, pelo menos até a Segunda Guerra Mundial, tenha continuado a existir a versão encadernada na maioria dos títulos. Os preços, no entanto, eram adequadamente mais altos (pelo menos um terço mais caros) (HALLEWELL, 2012, p. 377).

Esse contexto justifica a forma de apresentação das capas dos livros encontrados. A primeira edição de *Páginas de História da Enfermagem* foi publicada, em 1951, porém não conseguimos acesso a obra, em nenhum dos acervos consultados, com sua capa original, impossibilitando a descrição fidedigna do tipo de material e características da mesma neste estudo. Já a 2ª (1960), 3ª (1963), 4ª (1969) e 5ª (1979) edições foram publicadas com capa¹⁹ brochada, muito comum à época, pelo seu baixo custo (ARAÚJO, 2008).

Percebe-se que, de todos os elementos extratextuais, o que merece atenção maior é a primeira capa, em virtude da sua função publicitária. Através dela, com efeito, dá-se o contato inicial do leitor com o livro, de onde seu tratamento enfático, nos tipos e cores, provoca um impacto visual. Assim, o estilo de apresentação da primeira capa varia bastante. Com diversas possibilidades de efeitos visuais disponíveis, seja por contrastes ou por combinações de outros elementos, tais como imagens, percebe-se que o conjunto de informações presente na capa, apresenta-se disposto de modo a que se processe, harmoniosamente, uma interação entre eles. Araújo (2008, p. 435), afirma ainda, nesse contexto, que a única regra a ser obedecida no *design* da primeira capa é

¹⁹ Ainda que nem sempre o diagramador cuide pessoalmente dos elementos extratextuais, eles devem, segundo Araújo (2008, p. 434 – 435), merecer atenção especial, visto que constituem o revestimento do livro sob a designação genérica de ‘capa’, encadernada (revestimento duro), brochada (capa mole) ou capa flexível (acabamento intermediário entre a capa dura e a brochura).

que seu estilo se relacione, ou reflita, a matéria e o estilo gráfico do livro – o restante fica por conta da sensibilidade, da imaginação, do bom gosto e da técnica do capista.

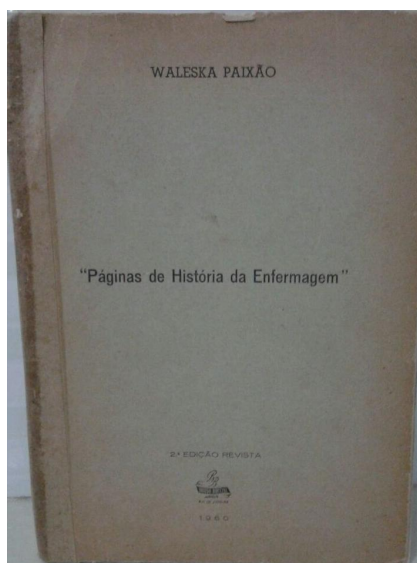


Imagem 2 e 3 – capas do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, 1960 (2ª ed.) e 1963 (3ª ed.).

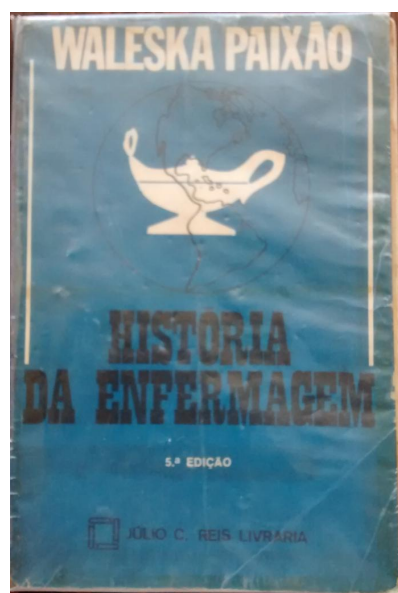


Imagem 4 e 5 – capas do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, 1969 (4ª ed.) e 1979 (5ª ed.).

É possível identificar na capa da 2ª edição, de 1933, o título do livro, “*Páginas de História da Enfermagem*”, o nome da autora, *Waleska Paixão*, a Editora, *Bruno Buccini*, o ano (1960) e a edição da publicação (2ª Edição Revista). Com o desgaste do

tempo, não foi possível perceber a tonalidade utilizada na capa, onde as letras, de cor preta, se destacam. Nenhum outro elemento foi utilizado na composição desta.

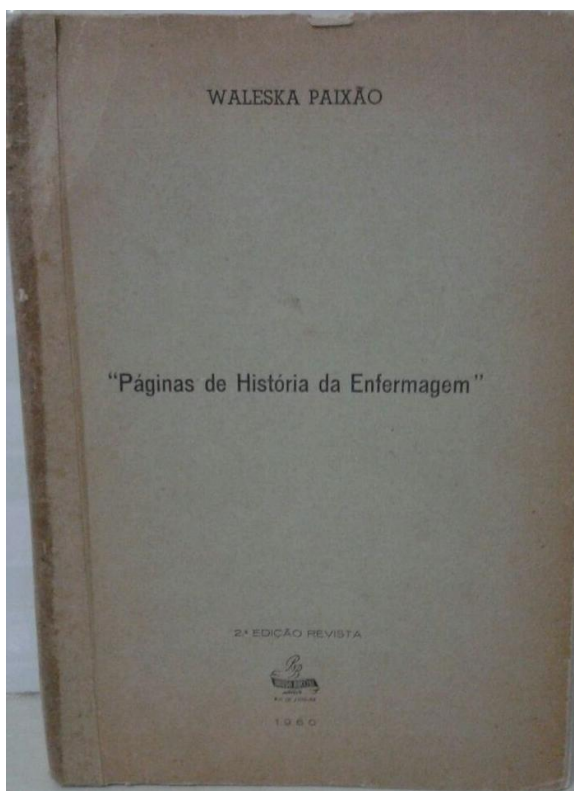


Imagem 2 – capa do livro *Páginas de História da Enfermagem*, Waleska Paixão, 1960 (2ª ed.).

A ausência de imagens na capa indica, claramente, a disposição da autora: suprimir elementos figurativos que poderiam desviar a atenção do leitor para a construção do sentido que se pretendia inculcar no seu inconsciente, ou seja, a ideia de que “*Páginas de História da Enfermagem*” seria o enunciador científico da trajetória da Enfermagem mundial. Tal ideia é ratificada pela apresentação de um índice com os temas tratados em seu interior e, também, por meio de seu prefácio, escrito pela própria Waleska. Uma autoridade especializada, construída ao longo dos anos anteriores, portavoza de uma instituição de ensino de referência à época e, por isso, capaz de valorizar a obra e seu conteúdo.

A evolução do mercado editorial no recorte temporal onde se inscreve a história que contando merece, a esta altura da narrativa e análise dos fatos, uma atenção especial. O mandato de Juscelino Kubitschek (1956 – 1960), é bom lembrar, foi um período de euforia nacional sem precedentes. O “milagre econômico” brasileiro produziu taxas de crescimento anuais de sete a oito por cento e um súbito aumento de

produção que beneficiou até mesmo o ramo editorial: de 1955 a 1962, a produção de livros triplicou (HALLEWELL, 2012, p. 599). Em 31 de janeiro de 1961, Juscelino entregou a faixa presidencial a Jânio Quadros. Sofrendo forte oposição do Congresso, Jânio renuncia inesperadamente em 25 de agosto de 1961, e o vice João Goulart assume a Presidência do Brasil (ARRUDA; PILETTI, 2000, p. 427 – 435). O biênio 1962/63 caracterizou-se por uma reversão do marcante desenvolvimento ocorrido entre 1956 e 1961. De fato, se a economia apresentava um crescimento médio no último quinquênio, nos dois anos subsequentes houve uma redução vertiginosa das atividades produtivas. Por outro lado, a inflação mantinha a ascensão iniciada em 1958, chegando a atingir 81,3% em 1963 (CYSNE, 1993, p. 197). E é nesse contexto²⁰ de instabilidade política acentuada e inexistência de um razoável controle monetário, fiscal e salarial que é publicada a terceira edição da obra *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão.

Apesar de se observar que, a partir da década de 1940, é dada uma maior importância ao design gráfico dos livros no país, nota-se investimento nas capas do livro de Waleska apenas a partir da sua 3ª edição, de 1963. Uma nova apresentação para as publicações se constituiu em uma poderosa ferramenta de comunicação, por meio de uma linguagem visual que primou pela alta qualidade gráfica, singularidade e expressão (LIMA; MARIZ, 2010, p. 253 – 270).

A 3ª edição, de 1963, não possui imagens em sua capa, mas apresenta um design diferenciado, com a presença de cores contrastantes. É possível perceber o destaque equilibrado entre título e nome da autora na distribuição da capa. Porém, desta vez, o que chama a atenção do leitor, além do tamanho do título e do nome da autora, é o contraste de cores entre esses elementos, onde se sobressai a palavra *Enfermagem*, em vermelho, no título da obra.

²⁰ Ao tempo em que avançavam os movimentos populares no campo e na cidade, na tentativa de construir uma nova sociedade em que todos tivessem voz e vez, as forças conservadoras mobilizavam-se para impedir as reformas sociais que colocavam em risco os seus injustos privilégios. O confronto entre grupos favoráveis às reformas e os reacionários defensores da situação vigente acabou com a vitória dos últimos, que derrubaram o Presidente João Goulart e impuseram a ditadura militar em 1964. Nos governos militares, houve uma tentativa de desenvolvimento econômico do país e integração das regiões (ARRUDA; PILETTI, 2000, p. 427 – 435).

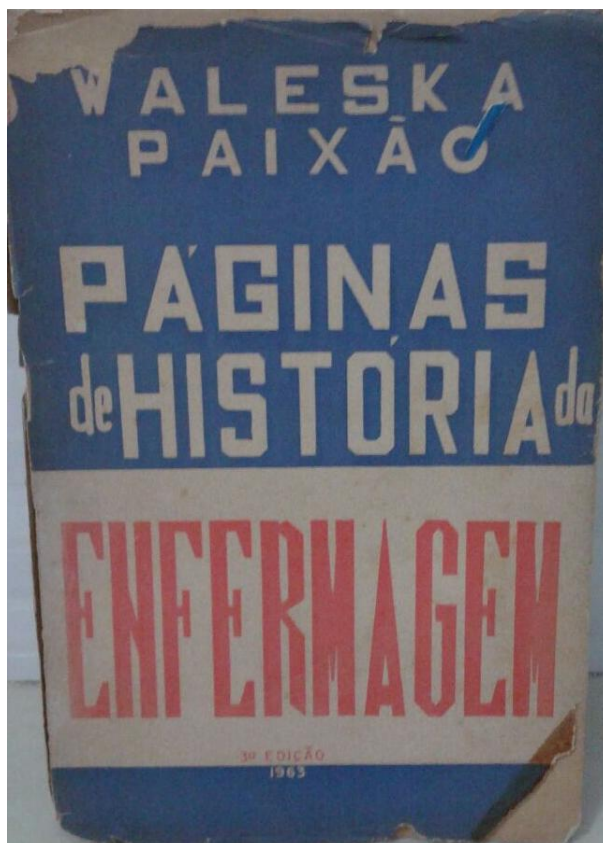


Imagem 3 – capa do livro *Páginas de História da Enfermagem*, Waleska Paixão, 1963 (3ª ed.).

A 4ª edição, publicada em 1969, inova ao trazer elementos ilustrativos²¹. Ao mergulharmos nos significados do conjunto desses elementos, conseguimos compreender também o jogo de cores utilizado na 3ª edição (1963).

²¹ A ilustração é geralmente uma imagem figurativa, utilizada para acompanhar, explicar, acrescentar informação, sintetizar ou simplesmente decorar um texto, sendo considerado um dos elementos mais importantes do design gráfico (ARAÚJO, 2008, p. 443).



Imagem 4 – capa do livro *História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, 1969 (4ª ed.).

Os elementos ilustrativos que compõem a capa da 4ª edição do livro de Waleska merecem uma atenção especial. Após conhecer e entender os aspectos religiosos que nortearam a vida pessoal e profissional de Waleska Paixão, infere-se que, pendurado no cabide que figura na referida capa, tem-se uma estola.

A estola é um paramento litúrgico cristão. É constituída por uma faixa de pano, usada por trás do pescoço, com as duas extremidades paralelas a frente. É quase sempre decorada de alguma forma, geralmente com uma cruz ou desenhos/bordados referentes ao tempo litúrgico. A estola simboliza os laços e algemas com as quais Jesus estava vinculado durante a sua Paixão. Também representa o poder e a autoridade do sacerdote na celebração litúrgica. Dentre as cores litúrgicas utilizadas para a estola e outras vestes da Igreja Romana, destaca-se a dourada²².

22 Fonte: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/liturgia/sentido-teologico-significado-e-simbolismo-das-vestes-sacerdotais-e-suas-cores-na-igreja-ortodoxa.html> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estola>, acessados em 23/04/2015.



Imagem 4 – capa do livro *História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, 1969 (4ª ed.).
 Imagem 6 – estola comercializada nos EUA²³. Imagem 7 – estola utilizada no Brasil.

Fazer uso da estola na capa do livro, com o título e o nome da autora sob a mesma e o símbolo da cruz vermelha com fundo branco, nos indica representações de autoridade, poder e respeito. Autoridade e poder de quem enunciava o conhecimento produzido e publicado. Respeito pela profissão e por sua trajetória construída até então.

O símbolo da cruz na cor vermelha foi amplamente estudado por Porto (2007)²⁴. Essa associação entre símbolo e cor refere-se aos cuidados dos feridos de guerra durante a Convenção Internacional de Genebra, realizada em Switzerland, em 1863, após a criação da instituição Cruz Vermelha Internacional. O símbolo adotado, de uma cruz vermelha sobre um fundo branco²⁵, foi em homenagem a Suíça, nas cores invertidas da bandeira daquele país. Esse símbolo tem significado de inviolabilidade e respeito para com as pessoas e instituições destinadas à assistência (PORTO, 2007, p. 40; 77).

Além dos elementos ilustrativos, chama a atenção o novo título do livro *História da Enfermagem*, centralizado, revelado pelos símbolos religiosos que se destacam na capa. Depreende-se que a mudança de “Páginas de História da Enfermagem” para

23 Estola a venda no site <http://www.preciolandia.com/br/estola-importada-dos-eua-de-pele-de-viso-9c2c5f-a.html>, acessado em 23/04/2015.

24 Para maior aprofundamento sobre o tema, consultar: PORTO, F. Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no *Click* Fotográfico (1919-1925). Tese (Doutorado). Orientadora: Tânia Cristina Franco Santos. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2007. 174 p.

25 A cruz vermelha associada a enfermagem teve sua origem em uma convenção realizada em Genebra, na Suíça, em 1863. Ali a cruz vermelha em fundo branco foi adotada como emblema do Comitê Internacional de Auxílio aos Feridos, hoje conhecido como Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Em 1864, na primeira convenção de Genebra, estipulou-se que este emblema deveria garantir acesso livre e isenção de ataques de qualquer grupo que tivesse aderido a este tratado. A representação do símbolo da cruz vermelha foi inspirada nas cores invertidas do pavilhão suíço e a cruz branca sobre o fundo vermelho em homenagem à Suíça, país de origem de Henry Dunant seu idealizador (Cruz Vermelha Brasileira, 1923 *apud* PORTO, 2007, p. 78).

“História da Enfermagem” tenha ocorrido a medida que a autora e o conhecimento publicado foram se consolidando e ganhando representatividade e reconhecimento no campo.

Tal aspecto pode ser constatado no prefácio das 1ª e 2ª edições, de 1951 e 1960, respectivamente, onde Waleska apresenta o livro de forma modesta, “como páginas” que representam “apenas uma pequena contribuição para formação de nossas profissionais”.

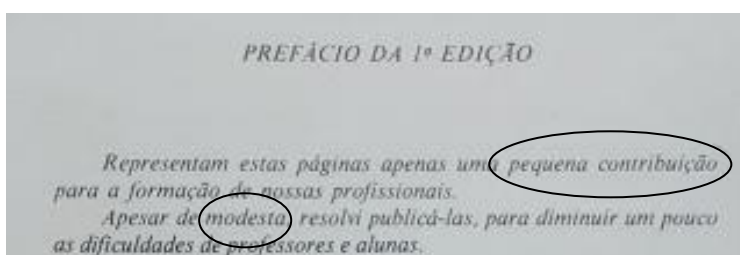


Imagem 8 – trecho do prefácio escrito por Waleska Paixão, publicado na 1ª edição (1951) do livro “Páginas de História da Enfermagem”.

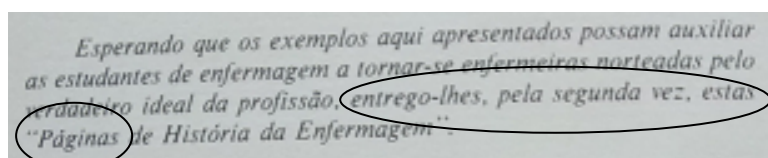


Imagem 9 – trecho do prefácio escrito por Waleska Paixão, publicado na 2ª edição (1960) do livro “Páginas de História da Enfermagem”.

É possível inferir que, com os investimentos no livro, relatados pela própria Waleska nos prefácios das 1ª, 2ª e 5ª edições, de 1951, 1960 e 1979, respectivamente (as outras edições não possuem prefácio), e a consolidação de Waleska no campo da Enfermagem, a mudança do título apenas para “História da Enfermagem” vem a fortalecer a publicação enquanto um livro, divulgador de um conhecimento científico, necessário à formação das enfermeiras brasileiras, escrito por uma porta-voz da profissão, caracterizando representações de autoridade e consolidação de um conhecimento produzido.

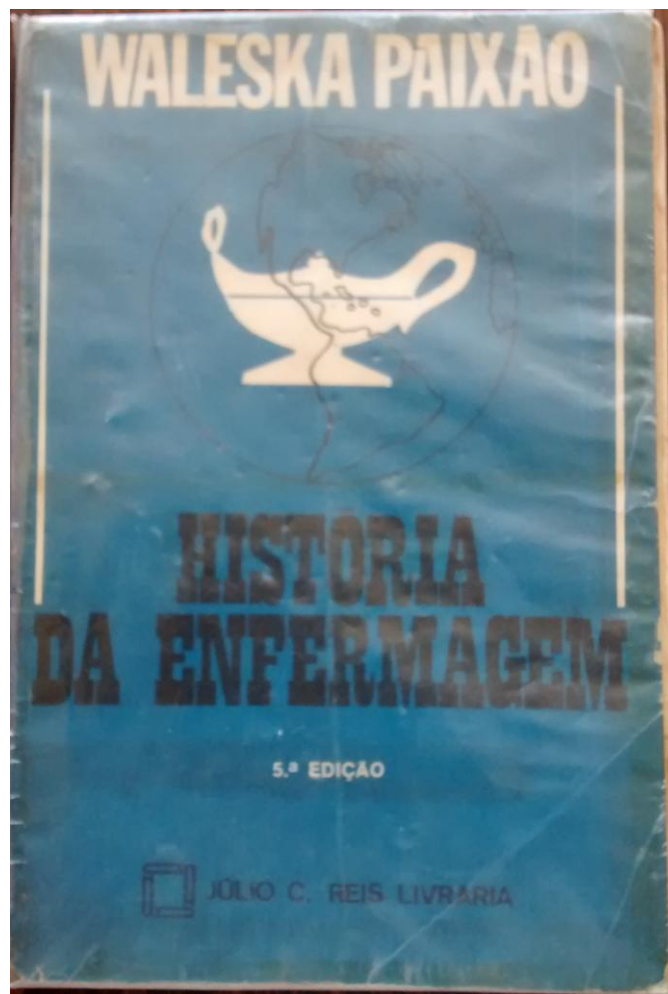


Imagem 5 – capa do livro *História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, 1979 (5ª ed.).

A capa da 5ª e última edição, de 1979, é publicada com novos elementos. Sua reestruturação, que mantém o título da edição anterior, dá destaque a quatro elementos: a autora, cujo nome aparece na parte superior da capa, em letras brancas, contrastando com o fundo azul; o título da obra, em letras pretas, na parte central inferior; e duas imagens sobrepostas, na parte central superior, uma lâmpada e um planisfério. Mais uma vez, os elementos ilustrativos, que sofreram alterações, chamam a atenção do leitor. E é para eles que voltaremos nossa atenção, tendo em vista que a compreensão da autora e do título da obra já se esgotou em discussões anteriores.

A lâmpada, em destaque, na parte superior central, nos remete a algumas reflexões. Atribui-se a esta lâmpada o significado de símbolo da Enfermagem Moderna com base no fato de que a patronesse²⁶ da Enfermagem Científica, Florence

²⁶ Personalidade civil feminina escolhida como figura tutelar, cujo nome mantém viva as tradições ou serve de referência aos demais. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/patronesse/>, acessado em 14 de maio de 2014.

Nightingale, percorria, durante a noite, as enfermarias dos campos de batalha da Guerra da Criméia, com uma lâmpada acesa para atender os feridos de guerra e providenciar o enterro dos mortos (TOLEDO *et al*, 2008). Já Araújo (2002), citando Viegas, pontua que a lâmpada era um raio de esperança para os feridos e tinha um significado: representava a vigília e a luz, era a vida. Por esta razão, a lâmpada simbolizava a Enfermagem e o profissional enfermeiro, que deveria estar constantemente em vigília. Além disso, a chama da lâmpada enunciava que os ideais da Enfermagem permaneciam vivos na sociedade. E isso implicava em um compromisso perene com a profissão, traduzido pelo ideal de dedicação ao serviço. Ideal este realçado pela posição estrategicamente escolhida para distribuir a lâmpada na capa da obra: centralizada, com um planisfério sobreposto, como algo a ser alcançado na formação profissional.

A leitura da lâmpada também traz significados. Essa organização nos leva a refletir simbolicamente sobre o livro e seu tema principal: a luz sugere uma fonte de conhecimentos e a publicação em questão surge aos olhos do leitor como um conhecimento científico de relevância para a Enfermagem Moderna mundial.

Esses signos (aqui entendidos como coisas que representam outras) deveriam chamar a atenção do leitor para a construção do sentido que se pretendia inculcar no seu inconsciente: a relevância da História da Enfermagem para a formação das enfermeiras. A imagem da lâmpada, desta forma, denotava um dos ideais que norteavam a profissão. A inserção do planisfério traduz a relevância do tema e desfaz a ideia inicial de que o livro seria apenas algumas páginas sobre o tema, destacando-o, assim, como um enunciador científico dos fundamentos da História da Enfermagem.

Tal posicionamento nos leva a crer que uma interpretação dos elementos formais presentes na capa de um livro, tais como a cor, a ilustração de capa ou contracapa ou a disposição dos elementos textuais que designam autor, título, gênero e editora, sugere a formação de uma imagem capaz de abranger autor e obra no mesmo bojo. Nesta perspectiva, assinala Araújo Neto (2006), a ideia de “valor” de uma obra ou de um autor pode ser manipulada, de modo a obter resultados, conforme as intenções do produtor do objeto a ser colocado no mercado livreiro. Imaginemos, explica ele, as estratégias de marketing que determinadas editoras (e, em muitos casos, determinados autores) procedem para formar a imagem de uma obra de “valor” ou de um autor de “valor”.

Segundo Chartier (1990, p. 165 - 187), a leitura das capas dos livros e de sua organização está recoberta de intenções. Em nosso caso específico é possível entender as imagens da capa do livro *História da Enfermagem* como uma relação com o texto do

livro no seu todo. Houve uma nítida preocupação de escolher uma imagem abrangente e compatível com a ideia de expressar a história da enfermagem desde os seus primórdios. A imagem, assim, é o primeiro contato do leitor com a obra e, por isso, deve necessariamente expressar em toda sua amplitude o que o receptor da mensagem vai encontrar no conteúdo do texto. Deve-se privilegiar, desta forma, aquela imagem mais capaz de permitir a compreensão do todo pela parte.

Algumas publicações anteriores, destinadas à enfermagem, agregaram o conjunto de signos utilizados pela obra de Waleska, no intuito de se produzir um significado, um conjunto de representações voltados para as futuras enfermeiras e para a profissão como um todo. Chama a atenção a presença da lâmpada na capa da revista, *Annaes de Enfermagem* e nas capas dos livros *Técnica de Enfermagem*, de Zaira Cintra Vidal, e *Nôvo Manual de Técnica de Enfermagem*, de Elvira de Felice Souza²⁷.



Imagens 10, 11, 12 e 05 – Capa dos *Annaes de Enfermagem* (Outubro de 1934); Capa do Livro *Técnica de Enfermagem* (4ª, 6ª, 7ª, 9ª e 10ª edições); Capa do livro *Nôvo Manual de Técnica de Enfermagem* (4ª edição). Fonte: Arquivo Lacenf – EEAP – UNIRIO. Capa do livro *História da Enfermagem* (5ª edição).
Fonte: arquivo pessoal do Profº Dr. Osniir Claudiano da Silva Júnior (EEAP/UNIRIO).

Dessa forma, é possível entender a articulação das ideias ao projetar imagens com produções de significados e representações tão semelhantes para publicações que tinham o objetivo de ordenar os discursos: o livro para a enfermagem, escritos por enfermeiras brasileiras, sobre temáticas relevantes para a consolidação da profissão, e a revista científica da profissão.

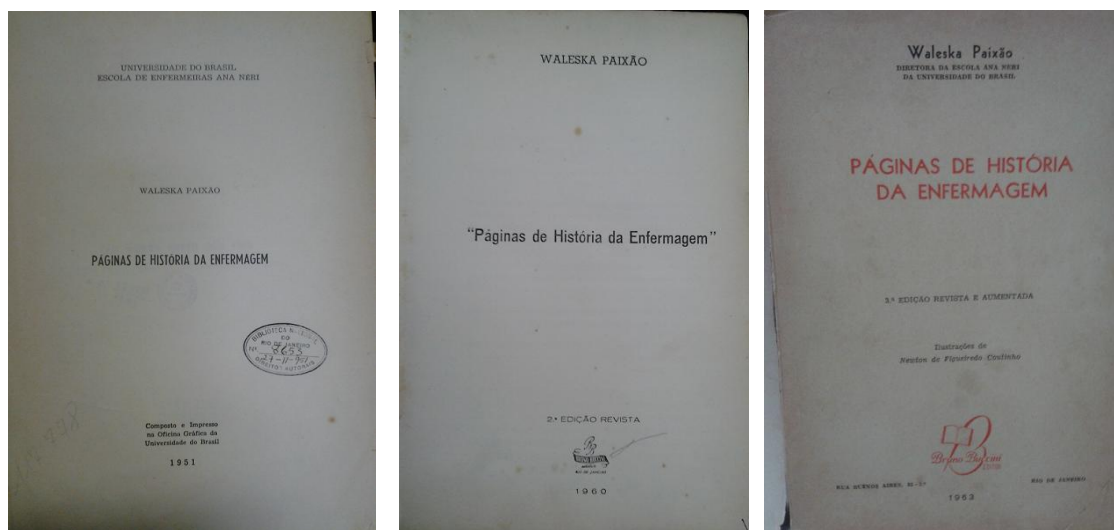
Como se pode notar, nada em um livro é organizado e/ou escrito por acaso. Todos os itens que o compõem, desde a capa, imagens, escritas, tudo, todas as suas

27 Para um maior aprofundamento, consultar: FREIRE, M.A.M. As representações da técnica no livro “Técnica de enfermagem”, de Zaira Cintra Vidal (1933-1963) / 268 f. Orientador: Wellington Mendonça de Amorim. **Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências)** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

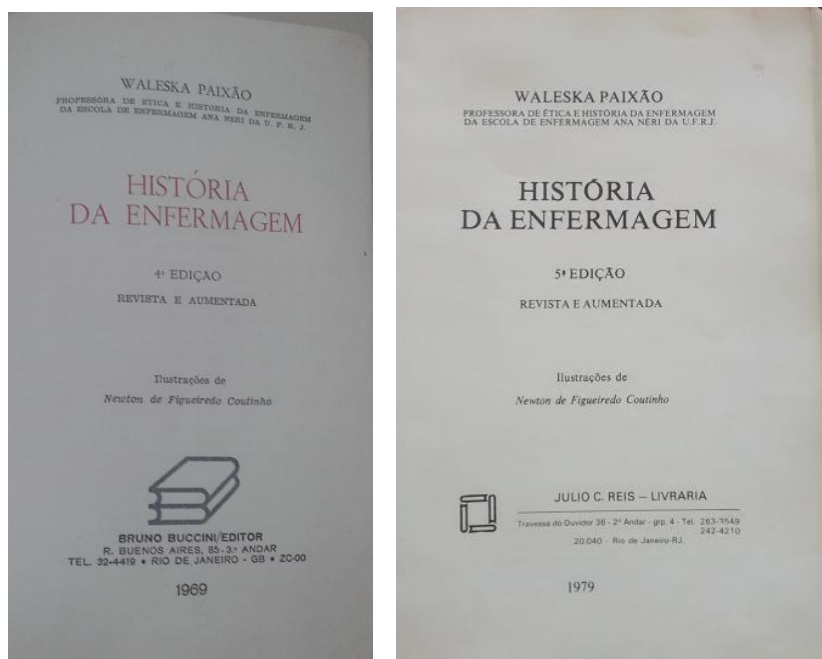
marcas têm relações a serem estabelecidas com o leitor, na intenção da produção de um sentido.

Um mergulho atento nas páginas internas da obra de Waleska Paixão, revela que os elementos constitutivos do livro estão comodamente divididos, segundo definição de Araújo (2008, p. 399), em três partes: pré-textual, textual e pós-textual.

Das três partes que constituem a estrutura do livro, a pré-textual, em virtude do grande número de elementos que a compõem, é a que mais se presta a variações em sua disposição. Dentre os elementos mínimos²⁸ que devem compor a parte pré-textual, trazidos por Araújo (2008, p. 399 – 416), verifica-se, em comum nas edições do livro *Páginas de História da Enfermagem*, a existência da folha de rosto e introdução. O prefácio se faz presente apenas nas 1ª, 2ª e 5ª edições. Já a 1ª edição apresenta ainda uma dedicatória. E a 5ª edição traz ainda um índice nos seus elementos pré-textuais. Olharemos para os aspectos que apresentaram alterações e/ou trazem significados que auxiliam na compreensão da obra.



²⁸ Elementos mínimos que devem compor a parte pré-textual de um livro, colocados sob uma ordem ideal: falsa folha de rosto; folha de rosto; dedicatória; epígrafe; sumário; lista de ilustrações; lista de abreviaturas e siglas; prefácio; agradecimentos; introdução (ARAÚJO, 2008, p. 400).



Imagens 13, 14, 15, 16 e 17 – Folha de rosto das 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão.

A folha de rosto é o lugar, conforme define Araújo (2008, p. 401), onde a apresentação do livro é feita. É nela, aliás, que encontramos uma evolução de variações ao longo das publicações das diversas edições do livro. Na primeira edição do livro (1951) *Páginas de História da Enfermagem*, foi possível identificar, nesta seção, os seguintes elementos: nome da autora; título da obra; local/credencial acadêmica; e indicação de propriedade de direitos editoriais. A segunda edição (1960) é semelhante à anterior, diferenciando-se apenas na ausência das credenciais acadêmicas.

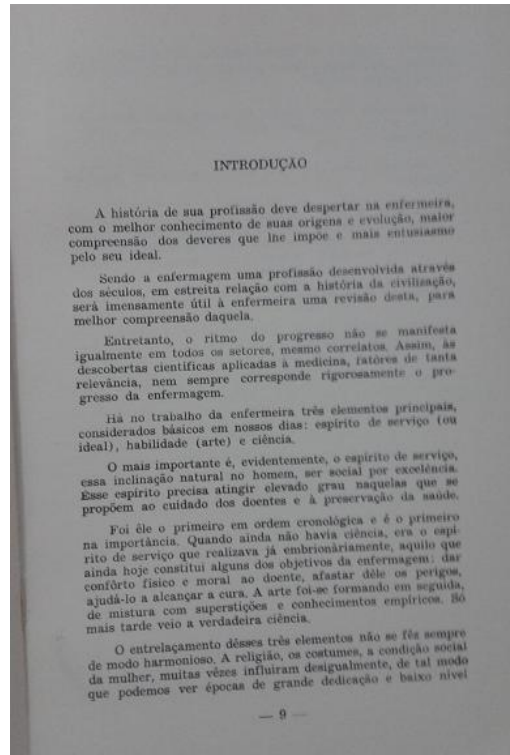
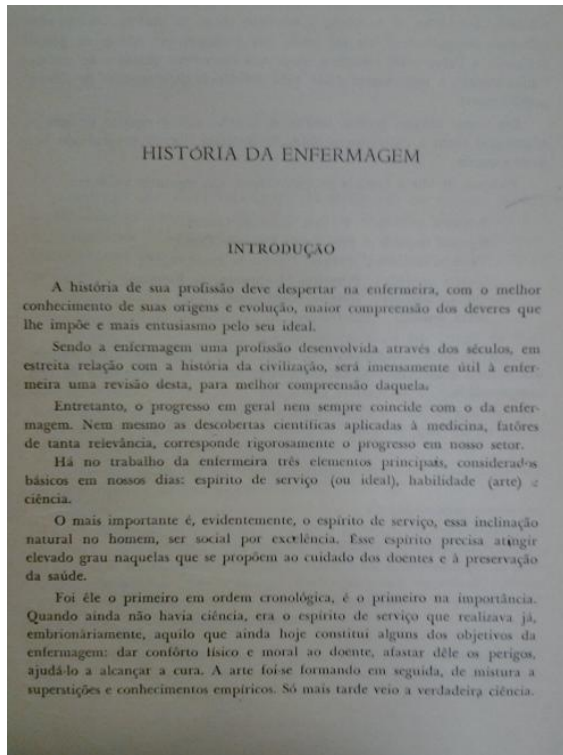
Identifica-se, ainda conforme Araújo (2008, p. 401 – 410), dentro dos itens que fazem parte da folha de rosto, o enquadramento do livro analisado em algumas observações. O nome da autora, Waleska Paixão, centralizado, pouco acima do título. O título da obra, *Páginas de História da Enfermagem*, centralizado, com um destaque tipográfico maior.

Ressalte-se também que a autora do livro é identificada como a proprietária do trabalho intelectual e artístico ali contido. A necessidade e a importância de marcar nos próprios livros – nas capas, contracapas, folhas de rosto ou lombadas – a identidade do autor e a propriedade do trabalho intelectual ali disseminado – pode ser medida pelos recursos gráficos empregados (letras garrafais na aposição do nome do escritor, cores que chamam a atenção para este nome, fotografias ou outros tipos de imagem do autor,

etc.). Em alguns casos, conforme Araújo Neto (2006), esses recursos destacam mais o autor em detrimento do conteúdo da obra.

Já nas 3ª (1963), 4ª (1969) e 5ª (1979) edições livro *Páginas de História da Enfermagem*, foi possível identificar, na folha de rosto, os seguintes elementos: título da obra; nome da autora; as credenciais da autora; e a referência das ilustrações que fazem parte do interior da obra. Alguns aspectos a destacar. É a partir da 3ª edição que o nome de Waleska Paixão passa a figurar no topo da página, centralizado, com suas credenciais descritas, de forma mais detalhada, abaixo. Na 3ª edição é destacado o fato da mesma ser diretora da EEAN. Nas 4ª e 5ª ed. destacou-se o fato da mesma ser professora “de ética e história da enfermagem” da EEAN. Em todas elas, referenciou-se a escola de enfermagem como integrante da, atualmente denominada, UFRJ.

Infere-se, assim, o esforço em destacar a autora através de representações de status intelectual, poder e institucionalização do saber, ao vinculá-la à informações ligadas à EEAN, à uma universidade, e aos cargos que exerceu na referida instituição. O destaque, que a princípio nos remete à figura da autora, é também para o livro, conferindo a este distinção na área da enfermagem.



Imagens 18 e 19 – Introdução (1ª página) das 1ª e 3ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão.

Já a introdução da obra, a que aludimos a partir de agora, deve, segundo Araújo (2008, p. 416), começar em página ímpar. No livro em questão, ela de fato tem início em páginas ímpares, em todas as edições. A introdução apresenta um discurso inicial onde o autor expõe matéria correlata ou de preparação ao texto. E é o que Waleska Paixão faz. Com uma estrutura e um texto com poucas alterações ao longo das edições, Waleska mantém o discurso sobre a importância da história da enfermagem para a enfermeira e para a enfermagem como um todo, conforme fragmento abaixo.

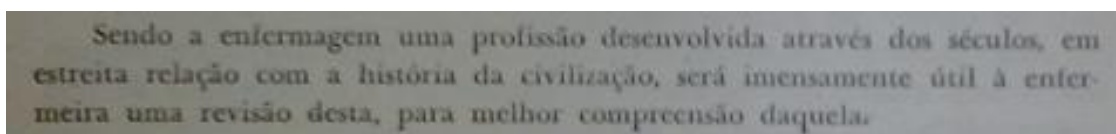


Imagem 18 (recorte ampliado) – Introdução (1ª página) das 1ª edição do livro de Waleska Paixão.

Seu texto, escrito na terceira pessoa, aparece igualmente centralizado e ocupa apenas duas páginas, em todas as edições. Apesar de não ter variações na letra, no seu tamanho ou forma e recursos de destaque, como o itálico, por exemplo, o texto curto, centralizado e com título diferenciado em caixa alta, atrai a atenção e se destaca pelo seu conteúdo.

É possível notar ainda na Introdução escrita por Waleska um grande destaque ao que ela denomina como “três elementos principais no trabalho da enfermeira”: “espírito de serviço (ou ideal), habilidade (arte) e ciência”. Tais elementos, citados e destacados por Waleska como sendo imprescindíveis à enfermeira, são os mesmos que compõem o conhecido triângulo de Isabel Stewart, apresentado e explicado por Zaíra C. Vidal, em 1934, no editorial da *Revista Annaes de Enfermagem*²⁹, órgão de divulgação da então Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB), hoje

²⁹ A revista *Annaes de Enfermagem* foi idealizada por ocasião do primeiro Congresso Quadrienal do Conselho Internacional de Enfermeiras, realizado em 1929, no Canadá. Nesse evento, a Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas, atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), esteve representada por sua presidente, Edith de Magalhães Fraenkel. Edith de Magalhães Fraenkel e Rachel Haddock Lobo trabalharam ativamente no processo de criação da revista, o qual foi desencadeado no início de 1930 e concluído em maio de 1932, com o lançamento do primeiro número. A capa da revista, na cor verde, idealizada por um sobrinho de Rachel Haddock Lobo, estudante de Belas Artes, apresenta os monumentos egípcios como tema, tendo ao centro, o triângulo com o lema “Ciência, Arte, Ideal”, projetado pela enfermeira norte-americana Isabel Stewart. A revista foi impressa na gráfica do Jornal do Brasil e o lançamento ocorreu no Pavilhão de Aulas da Escola de Enfermagem Anna Nery, no dia 20 de maio de 1932. Em 1946, a revista passou a denominar-se *Anais de Enfermagem* e sua capa foi modificada. Em 1955, a publicação ganhou o nome de *Revista Brasileira de Enfermagem*. Com a mudança de denominação, os símbolos foram substituídos pela figura estilizada da Dama da Lâmpada. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/annaes.htm>, acessado em 14 de maio de 2014.

Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). No editorial, Zaíra descreve os atributos esperados para uma candidata a enfermeira sintetizando as qualidades exigidas numa figura geométrica acompanhada pelas palavras "ciência", "arte" e "ideal". A figura, na visão de sua criadora, Isabel Stewart, é um equilátero por sua perfeição. A palavra "ideal" é colocada como o alicerce de todas as artes, "força que leva a vencer dificuldades, incentivo nos momentos de esmorecimento". O ideal é "a força que rege a verdadeira enfermeira". A "ciência" é a segunda qualidade necessária à enfermeira, já que, sem ela, não há identidade profissional. A terceira palavra, "arte", significa a habilidade ou capacidade executiva. Afinal de contas, sublinha Vidal (1934), era com o conhecimento de sua habilidade executiva que a enfermeira poderia ser avaliada profissionalmente. "De uma maneira geral, estes três grandes atributos definem o perfil esperado das enfermeiras para a época" (VIDAL, 1934, p. 11 – 12).

Ao abordar as palavras que compõem o triângulo de Isabel Stewart, utilizado inclusive na capa do livro escrito por Zaíra C. Vidal, conforme mostra a imagem 08, Waleska deixa claro os atributos esperados para uma enfermeira, onde destacam-se representações de intelectualidade, habilidade, determinação e disposição.

Por fim, Waleska finaliza a Introdução apresentando, sucintamente, as unidades que compõem o livro, divididas por ela por períodos.

Voltaremos, então, nosso olhar, a partir daqui, para os itens que não são comuns à todas as edições do livro de Waleska, mas que merecem atenção na análise dos elementos pré-textuais da obra. Um deles é a Dedicatória.

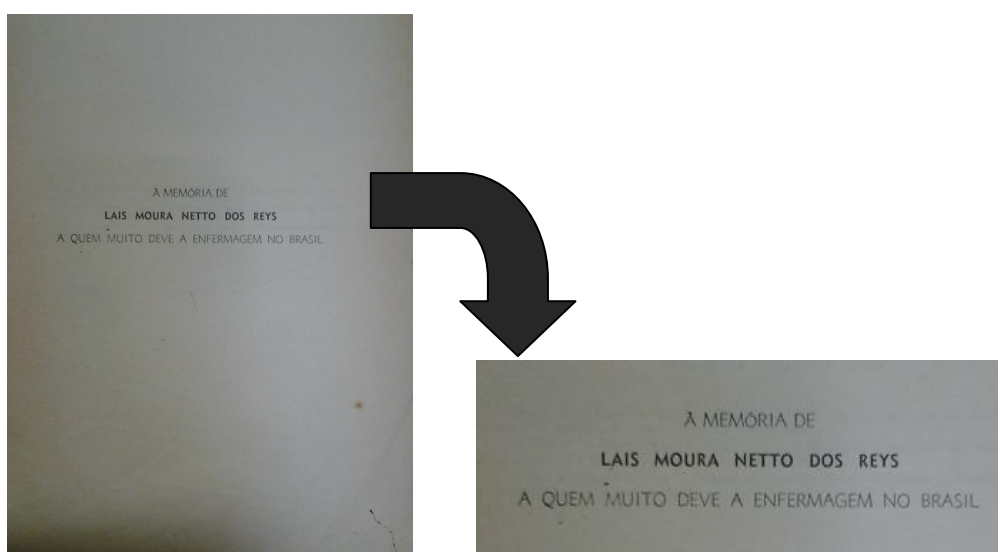


Imagem 20 (com recorte ampliado) – Dedicatória – 1ª edição do livro de Waleska Paixão.

Um elemento tradicionalmente encontrado em um produto literário, a dedicatória, quando existe, lembra Araújo (2008, p. 410), “é normalmente consignada na página ímpar fronteira ao verso da folha de rosto”. No livro aqui considerado (1ª edição) não foi diferente. No geral, a disposição na página é regular, composta em justificação menor que a das linhas do corpo do texto, e está colocada no centro. Neste espaço, Waleska Paixão voltou seus agradecimentos para Laís Moura Netto dos Reys.

Percebe-se que, ao trazer a figura de Laís Moura Netto dos Reys, enquanto legítima representante da profissão à época, com sua representação de autoridade na profissão, poder e institucionalização do saber, o livro se apresenta para o público como uma fonte de saber institucionalizado e confiável. Ter uma dedicatória voltada para Laís Moura Netto dos Reys mostra ainda a estreita relação entre a autora e esta, além de um reconhecimento pela já apresentada personalidade.

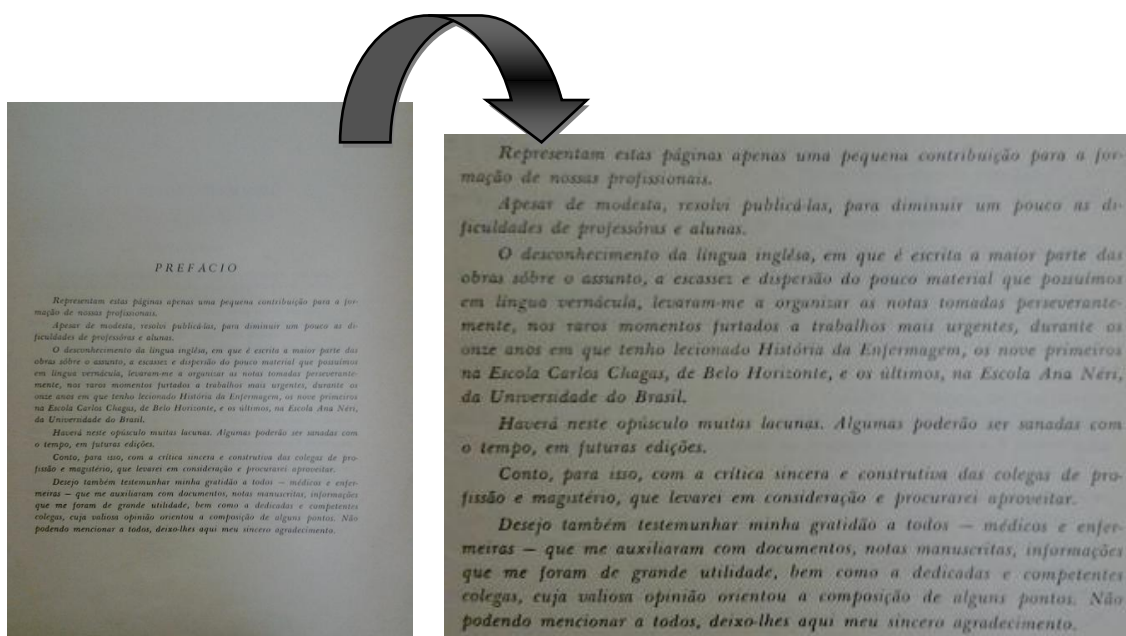
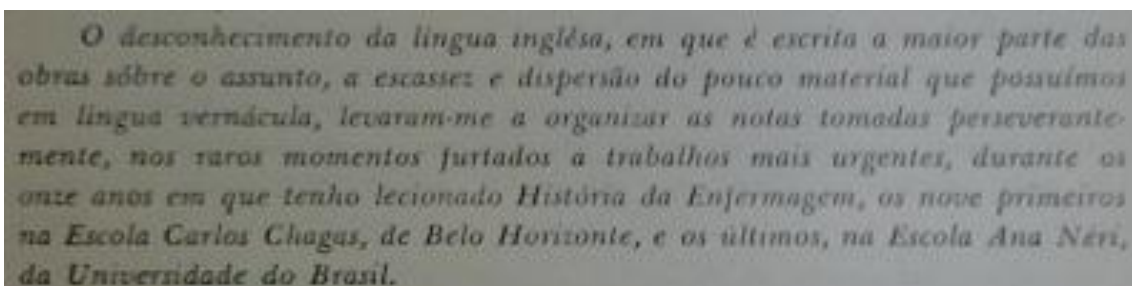


Imagem 21 (com recorte ampliado) – Prefácio – 1ª edição do livro de Waleska Paixão.

Denominado também nota prévia, prólogo, proêmio, advertência, preliminares, apresentação, preâmbulo ou que outro nome tenha, define-se o Prefácio, segundo Araújo (2008, p. 416) como uma espécie de esclarecimento, justificação, comentário ou apresentação escrita pelo próprio autor ou por outra pessoa. Deve começar em página ímpar. Na maioria das vezes o tratamento gráfico dado ao prefácio é o mesmo que o conferido ao corpo do texto, salvo quando se pretende destacá-lo. E são exatamente essas distribuições que encontramos no prefácio, que se repetem, com algumas mudanças textuais, nas 1ª, 2ª e 5ª edições do livro *Páginas de História da Enfermagem*.

Recorrendo mais uma vez a Araújo (2008), sabemos ser possível visualizar o tratamento gráfico dado ao texto que compõe o prefácio, quando ele se diferencia do texto do conteúdo do livro com a intenção de destacá-lo. As letras em itálico passam a impressão de terem sido escritas pela própria autora do livro, Waleska Paixão.

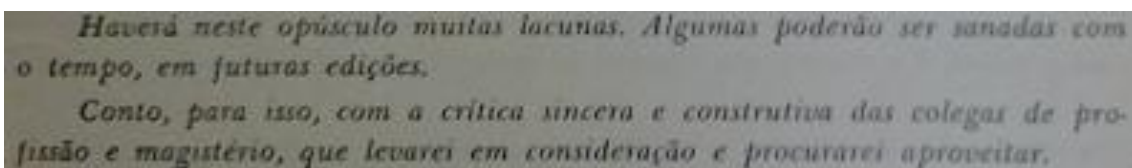
O texto foi escrito na primeira pessoa do singular, com uma linguagem formal, mas acessível ao leitor. O texto traz argumentos que buscam convencer o público quanto à publicação e utilização do livro didático, além de a própria autora se destacar como figura representativa no campo da enfermagem à época, através de suas experiências. Os trechos abaixo selecionados, retirados do Prefácio do livro, comum às edições em análise, ilustram bem o tom utilizado pela autora:



O desconhecimento da língua inglesa, em que é escrita a maior parte das obras sobre o assunto, a escassez e dispersão do pouco material que possuímos em língua vernácula, levaram-me a organizar as notas tomadas perseverantemente, nos raros momentos furtivos a trabalhos mais urgentes, durante os onze anos em que tenho lecionado História da Enfermagem, os nove primeiros na Escola Carlos Chagas, de Belo Horizonte, e os últimos, na Escola Ana Neri, da Universidade do Brasil.

Imagem 21 (com recorte ampliado) – Prefácio – 1ª edição do livro de Waleska Paixão.

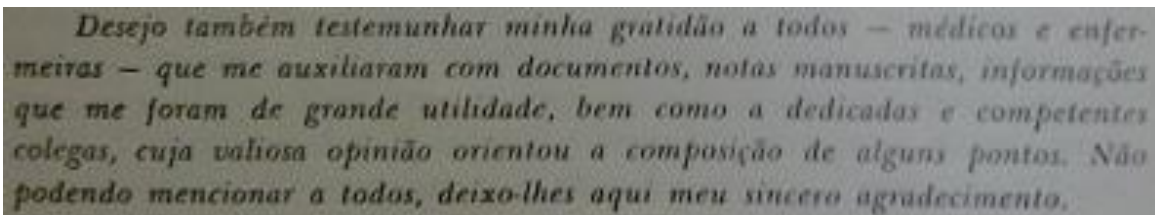
Além de destacar o livro como necessário para a formação em Enfermagem, diante da inexistência de obras brasileiras sobre a temática, Waleska Paixão, utilizando-se de um discurso modesto e humilde, apresenta a obra como algumas “páginas” e “uma pequena contribuição”, colocando-se aberta para críticas, a fim de se obter melhorias “em futuras edições”.



*Haverá neste opúsculo muitas lacunas. Algumas poderão ser sanadas com o tempo, em futuras edições.
Conto, para isso, com a crítica sincera e construtiva das colegas de profissão e magistério, que levarei em consideração e procurarei aproveitar.*

Imagem 21 (com recorte ampliado) – Prefácio – 1ª edição do livro de Waleska Paixão.

Waleska finaliza o prefácio com palavras de agradecimento e gratidão a “médicos e enfermeiras”, sem, portanto, nomeá-los, de quem relata ter obtido auxílio para a construção do livro.



Desejo também testemunhar minha gratidão a todos – médicos e enfermeiras – que me auxiliaram com documentos, notas manuscritas, informações que me foram de grande utilidade, bem como a dedicadas e competentes colegas, cuja valiosa opinião orientou a composição de alguns pontos. Não podendo mencionar a todos, deixo-lhes aqui meu sincero agradecimento.

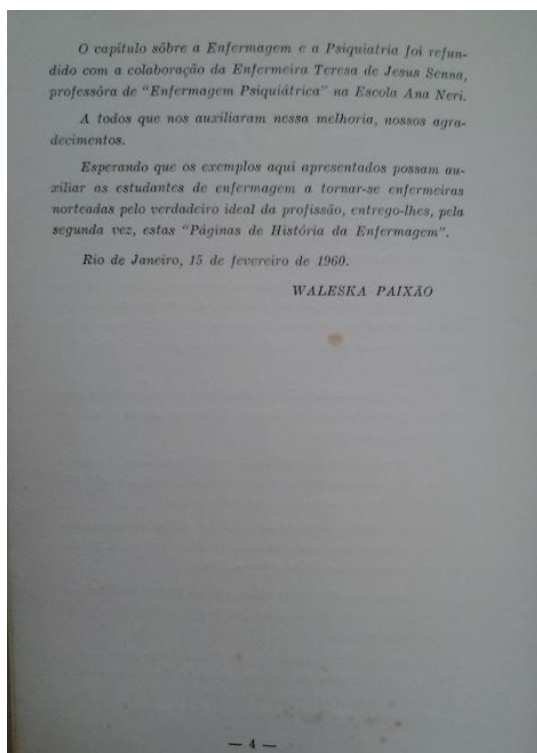
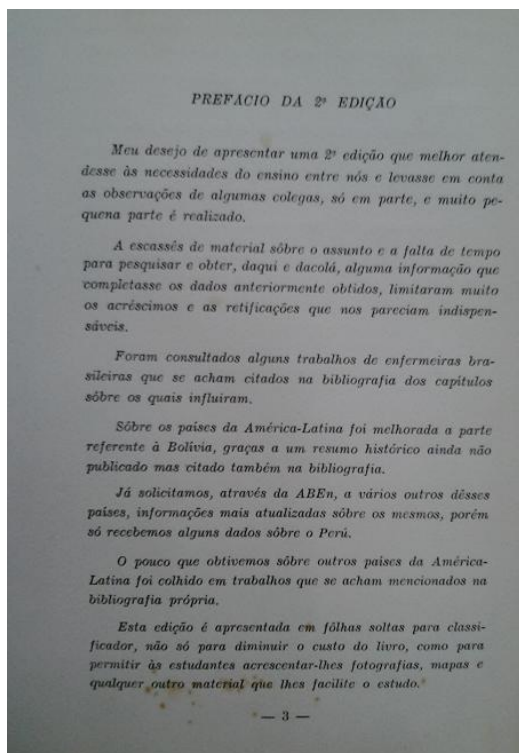
Imagem 21 (com recorte ampliado) – Prefácio – 1ª edição do livro de Waleska Paixão.

Mais do que simplesmente anunciar a obra *Páginas de História da Enfermagem*, Waleska Paixão fez de suas palavras, ainda que com uma conotação modesta, um instrumento capaz de levar a comunidade de leitores não só a confiar e adquirir o livro, mas reconhecê-la como produtora de um conhecimento científico e nova representante e porta-voz da profissão.

Mais uma vez, nota-se a preocupação da autora em vincular-se a pessoas/categorias profissionais com representação de autoridade e intelectualidade na área da saúde à época, no intuito de se fazer respeitar e consolidar uma obra que trazia um saber científico de relevância para a enfermagem. Ao referenciar o auxílio recebido por profissionais da enfermagem e da medicina à época nota-se o objetivo de respaldar-se através do efeito de legitimação provocados pela representatividade dessas pessoas. Dessa forma, compreende-se o Prefácio e o Agradecimento como parte de um conjunto de signos de distinção pré-textuais.

Vale destacar que a parceria com os médicos se fez presente durante anos, no decorrer da profissionalização da enfermagem. A hegemonia médica em relação ao direcionamento do ensino teórico-prático de enfermagem da Escola Anna Nery, influenciou de sobremaneira a própria condução das relações entre os profissionais de saúde, reafirmando o poder da prática médica sobre a de enfermagem, garantindo a supremacia e dominação de uma sobre outra, e sendo incutida no ideário das enfermeiras (PADILHA *et al*, 1997, p. 448).

Mais do que isso. O discurso médico modelava o comportamento esperado e estereotipado das enfermeiras, ou melhor, sua representação, não de forma totalitária, mas contribuindo para a existência de um comportamento submisso e silencioso do cotidiano destas (PADILHA *et al*, 1997, p. 444).



Imagens 22 e 23 – Prefácio – 2ª edição do livro de Waleska Paixão.

Já na 2ª edição de seu livro, publicado em 1960, Waleska faz algumas alterações/acréscimos em seu Prefácio. Ainda com um tom humilde permeando suas palavras, Waleska relata algumas melhorias feitas no conteúdo da obra. Relata dificuldades, tanto com relação a escassez de material sobre o assunto, quanto a falta de tempo para se dedicar a esse tipo de trabalho. Cita relações com outros países, em busca de material para melhoria do livro, e destaca consultas feitas à trabalhos de enfermeiras brasileiras, devidamente referenciados na obra. Fato este que será analisado quando entrarmos na análise dos elementos textuais da referida obra.

Outro elemento que chama a atenção nas palavras de Waleska é a preocupação com os custos do livro e sua função didática, conforme destaca-se em trecho recortado abaixo.

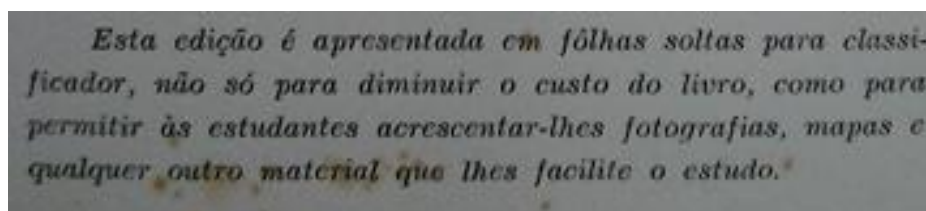


Imagem 22 (recorte ampliado) – Prefácio – 2ª edição do livro de Waleska Paixão.

Dessa forma, compreender o contexto a qual a autora estava inserida, através de um rápido retorno aos anos anteriores às edições dos seus livros, tal qual apresenta a seção anterior, nos ajudou a compreender a realidade por ela vivenciada no campo de produção de livros e as estratégias escolhidas.

Tais aspectos deixam de ser destacados no prefácio da 5ª edição, de 1979. Waleska mantém o tom modesto e afetuoso ao apresentar uma nova edição do livro e sintetiza as atualizações feitas na obra, com destaque para Anayde Corrêa de Carvalho³⁰ e sua obra *Associação Brasileira de Enfermagem (1926-1976)*, ressaltando a relevância do documentário para a historiografia da enfermagem brasileira.

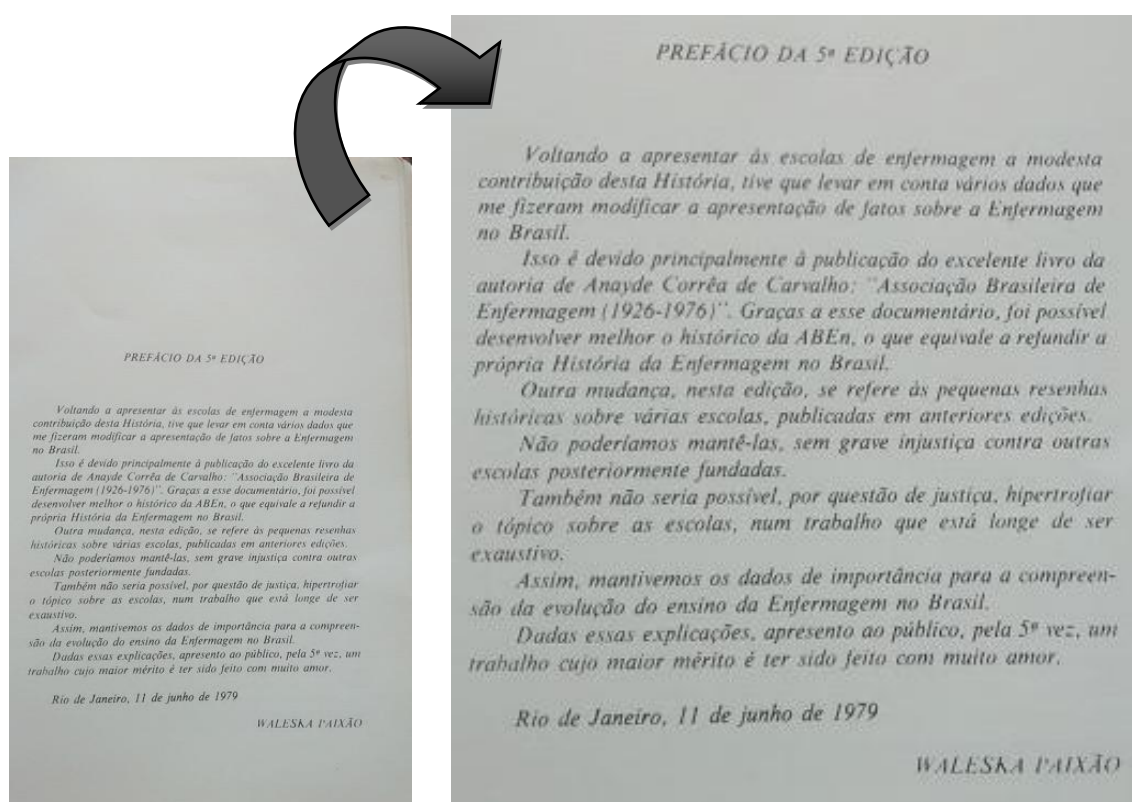


Imagem 24 (com recorte ampliado) – Prefácio – 5ª edição do livro de Waleska Paixão.

30 Anayde Corrêa de Carvalho foi docente da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, diretora da Associação Brasileira de Enfermagem no período de 1965 à 1968, onde escreveu o *Associação Brasileira de Enfermagem 1926 – 1976, Documentário*, que retrata a origem e organização da ABEn, ensino e legislação de Enfermagem e de suas realizações sócio-culturais no período citado. A ABEn foi criada em 1926 como Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas; em 1929, foi oficializada com a denominação de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB); em 1944, essa denominação foi mudada para Associação de Enfermeiras Diplomadas (ABED), passando à designação atual, Associação Brasileira de Enfermagem, em 1954 (CARVALHO, 1976).

Por fim, o último elemento pré-textual que se destaca por aparecer apenas na 5ª edição do livro de Waleska Paixão é o Índice. Destaque este por ser um elemento que, segundo Araújo (2008, p. 430), aparece nas publicações como sendo pós-textual. Nas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª edições do livro de Waleska, o Índice é trazido de fato como elemento pós-textual. Porém, na 5ª edição, o mesmo compõe o conjunto de elementos pré-textuais, totalizando quatro páginas.

O índice é apresentado linha a linha, indicando, pela ordem da divisão/organização do livro, as páginas de cada assunto abordado, possibilitando ao leitor ir direto a uma unidade ou assunto/tema específicos, sem precisar folhear todo o livro, tornando a leitura e a busca pelos assuntos de interesse ainda mais prática e operacional para o leitor.

| INDICE | |
|------------------------------------|----|
| Prefácio da 1ª edição | 11 |
| Prefácio da 2ª edição | 13 |
| Prefácio da 5ª edição | 15 |
| Introdução | 17 |
| Unidade I | |
| Origens da Enfermagem | 19 |
| Tempos Antigos | 20 |
| Egito | 20 |
| Índia | 21 |
| Palestina | 24 |
| Assíria e Babilônia | 24 |
| Pérsia | 25 |
| China | 26 |
| Japão | 27 |
| Grécia | 27 |
| Roma | 30 |
| Unidade II | |
| Período da Unidade Cristã | 33 |
| Diaconos | 34 |
| Diaconias e Xenodóquia | 35 |
| Vida religiosa | 35 |
| Monaquismo | 36 |
| As grandes abadessas | 37 |
| Ordens militares | 37 |
| Ordens seculares | 40 |
| Influência Árabe na medicina | 44 |
| Escolas de medicina | 45 |
| Decadência da Enfermagem | 47 |
| As Misericórdias | 48 |
| Evolução dos hospitais | 49 |

Imagem 25 – Índice – 5ª edição do livro de Waleska Paixão.

É possível concluir, assim, após análise dos elementos pré-textuais do livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, que a organização planejada de suas formas e conteúdos, a presença de signos de distinção dentre seus elementos e o uso de imagens conferem, não apenas ao livro, mas à autora, ao tema e à enfermagem, representações de religiosidade, intelectualidade, poder, características e elementos

necessários à futura enfermeira e à enfermagem como um todo, além de institucionalização do saber.

5.1.2 Representações de Competência Intelectual e de Religiosidade

Já na parte textual, o diagramador estabelece um padrão único e regular a ser obedecido em toda a extensão daquilo que se denomina corpo principal do texto (ARAÚJO, 2008, p. 416). O livro moderno, científico e didático já era, à época, organizado em seções, partes, capítulos ou itens, o que, conforme Paul Otlet (*apud* ARAÚJO, 2008, p. 418), representava um avanço na organização dos assuntos e do livro como um todo.

Páginas de História da Enfermagem contempla a definição trazida por Araújo (2008, 416; 418). Em todas as suas edições percebe-se uma organização temática, histórica e cronológica dos fatos, estruturados através de unidades. Percebe-se que a lógica de organização do livro e sua ideia inicial foram mantidas ao longo de todas as edições, havendo apenas algumas atualizações de forma e conteúdo.

Todo o conteúdo da parte textual é apresentado com a mesma configuração gráfica e organização. A descrição se dá com verbos no infinitivo e referindo-se, em alguns momentos, a uma terceira pessoa (o doente, o enfermo). Fazendo uso de termos técnicos e de uma linguagem científica, a história da enfermagem é contada de forma cronológica, sem interferências da autora com análises ou comentários pessoais, de forma clara e didática.

Segundo Guedes (2009, p. 171 – 225), um recurso disponível para apresentar, numa narrativa, o aspecto físico do cenário, dos personagens, dos objetos, e, nesse caso, de personagens que fizeram parte da história da enfermagem, é a descrição verbal, que pode vir a ser complementada por um desenho ou imagem.

Nesse sentido, é possível afirmar que a intenção da autora é, por meio da linguagem escolhida e da organização da obra, atingir não apenas as alunas dos cursos de enfermagem, mas também as enfermeiras já formadas. Ao destinar o livro “para a formação de nossas profissionais” e “para diminuir um pouco as dificuldades de professores e alunas”, conforme traz Waleska no prefácio de sua primeira edição, fica clara a intenção de que o livro havia sido preparado para ser uma súmula dos

conhecimentos dessa área do saber, em forma de livro. A propósito, Chartier (2010) afirma que o significado dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias das comunidades que constituem seus públicos. Essa premissa vai ao encontro da estética textual definida para atingir e contemplar o leitor escolhido.

Nesse sentido, identificou-se também, ao longo da narrativa da história da enfermagem contada por Waleska Paixão, subsídios que acompanham o texto, com o fim de complementá-lo e elucidá-lo. Tais elementos são fotografias, figuras e desenhos, todos identificados em suas legendas. As imagens começam a ser inseridas na obra a partir da sua 2ª edição, e vão aumentando em quantidade nas edições seguintes. Passam a ser referenciadas, nas folhas de rosto da obra, a partir da 3ª edição, como “Ilustrações de Newton de Figueiredo Coutinho³¹”.

Num livro didático, segundo Araújo (2008, p. 443), é possível observar a função educativa das imagens ali utilizadas. Essas imagens geralmente aparecem com a função/destinadas a “instruções programadas”. Neste último caso, as imagens, de fato, auxiliam diretamente ou mesmo prevalecem sobre o texto. No livro aqui analisado, é possível observar a relação entre o texto e as imagens utilizadas, recurso que dinamiza a leitura e acrescenta informação ao texto.

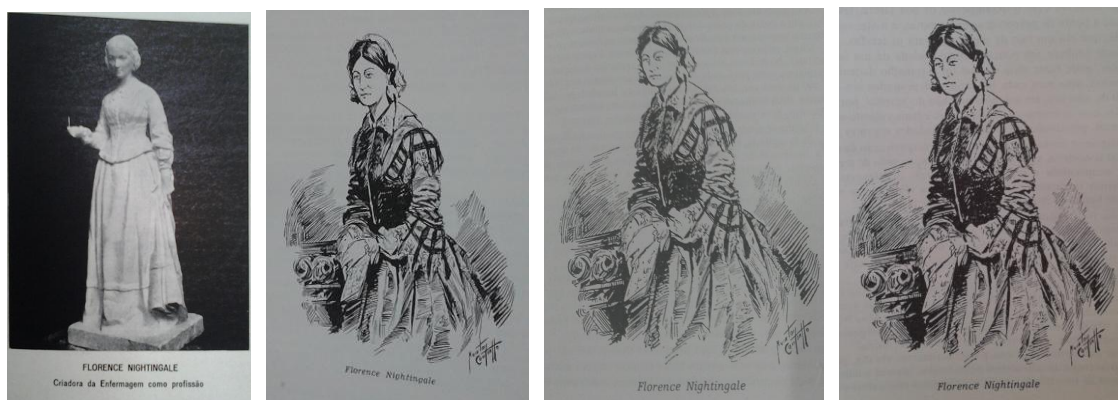
Ainda que o texto se destaque por ser o suporte principal do livro, identificamos a repetição de desenhos/imagens que visam dar ênfase ao texto ou para ilustrar uma personalidade abordada no assunto. Todos os desenhos/imagens encontrados nas edições aqui consideradas estão legendados e relacionados ao seu objetivo principal, que pode ser um dos listados acima.

Assim é que Riva Castleman, citada por Araújo (2008, p. 490) em sua análise, explica que uma imagem não se limita a ilustrar palavras, mas interpreta e soma, à nossa sabedoria, algo além do texto, ou provoca e até desafia o próprio texto. Livros didáticos, como o *Páginas de História da Enfermagem*, trazem texto e imagem integrando a visão do autor, em páginas que se sucedem tratadas como sustento da composição artística da comunidade de autores. É uma forma de composição que modifica a leitura.

31 Newton de Figueiredo Coutinho nasceu no Rio de Janeiro, em 08 de dezembro de 1934. Foi desenhista técnico e ilustrados de livros, capas de livros e estórias em quadrinhos. Coursou na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, a Escola Nacional de Belas Artes. Fez ainda Mestrado e Doutorado em pintura. Ganhador de diversos prêmios, ficou conhecido também pelas suas pinturas, exposições e pinturas de retratos de presidentes, governantes, oficiais, dentre outros. Para maiores informações e detalhes, consultar: http://www.universodasartes.com/exposicoes/pint_newtonc/pint_newtonc_enc.htm, acessado em 13/05/2015.

Todas as imagens reproduzidas na obra de Waleska Paixão foram apresentadas em preto e branco, muito embora, no período das publicações de suas edições, o elemento cor já fora introduzido em definitivo na fotografia e na ilustração fotográfica. Segundo Araújo (2008, p. 491), as enciclopédias, os dicionários ilustrados, os compêndios e os livros científicos por certo se beneficiaram com a nova técnica, de vez que, em muitos aspectos, o registro iconográfico pôde aproximar-se um pouco mais do objeto real.

O que se pode notar é que, assim como o texto foi atualizado em seus conteúdos e alguns até mesmo adicionados ao livro, houve também uma atualização/acréscimo de algumas das imagens utilizadas. A intenção foi a de adequar a obra à evolução do conhecimento ao longo dos anos. Porém, apesar disso, é possível encontrar imagens que se mantiveram da mesma forma, sem alterações. Para facilitar o entendimento, reproduzimos abaixo duas das imagens, reproduzidas nas 2ª (1951), 3ª (1960), 4ª (1969) e 5ª (1979) edições.



Imagens 26, 27, 28 e 29 – Imagem de Florence Nightingale – 2ª, 3ª, 4ª e 5ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão.



Imagens 30, 31, 32 e 33 – Imagem de Ana Neri – 2ª, 3ª, 4ª e 5ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão.

Como pode-se observar, variações das imagens nas edições do livro de Waleska, foram comuns. Imagens que representavam retratos, desenhos e estátuas se fazem presentes a partir da 2ª edição da obra e são comuns em todas elas.

Outro aspecto a ser destacado quando observamos as imagens utilizadas são as representações de religiosidade, que se fazem presentes também através das imagens. A presença de Santa Hildegarda e S. Vicente de Paulo através de imagens na 5ª edição do livro, de 1979, demonstra bem o exposto.



Imagens 34 e 35 – Imagens de Santa Hildegarda e S. Vicente de Paulo, respectivamente – 5ª edição do livro de Waleska Paixão.

Dessa forma, o livro, segundo Araújo Neto (2006), materializa e possibilita a inserção cultural e socioeconômica do autor, o que reforça a necessidade de se afirmar a identidade de um autor por via da materialidade do livro: um nome na capa que preside um objeto que contém sentidos. Daí a validade de um estudo orientado para a materialidade e estética textual dos livros, como possibilitadores de apreensão de sentidos.

Nesse sentido, aquilo que poderia parecer apenas um adorno agradável aos olhos de possíveis leitores-consumidores ou algo que materialize uma estratégia

mercadológica passa a apresentar outras possibilidades de leitura. Além de demandar, por exemplo, uma compreensão histórico-sociológica da questão, a obra desemboca na necessidade do aporte da semiótica como instrumental capaz de permitir as associações entre texto e objeto (ARAÚJO NETO, 2006).

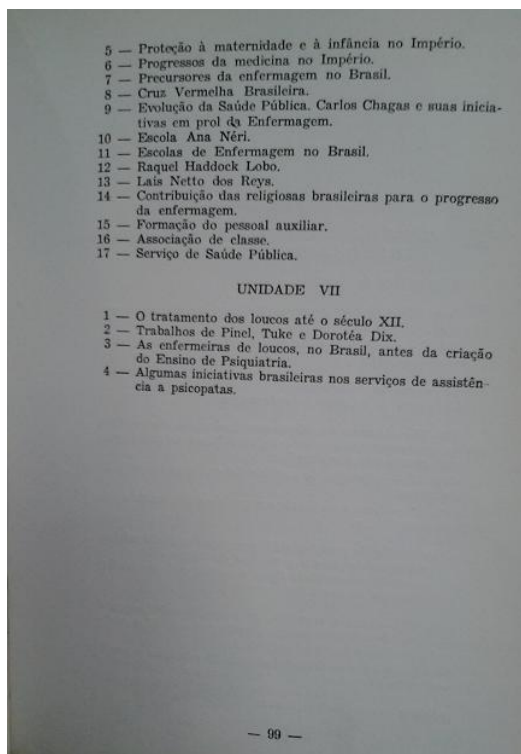
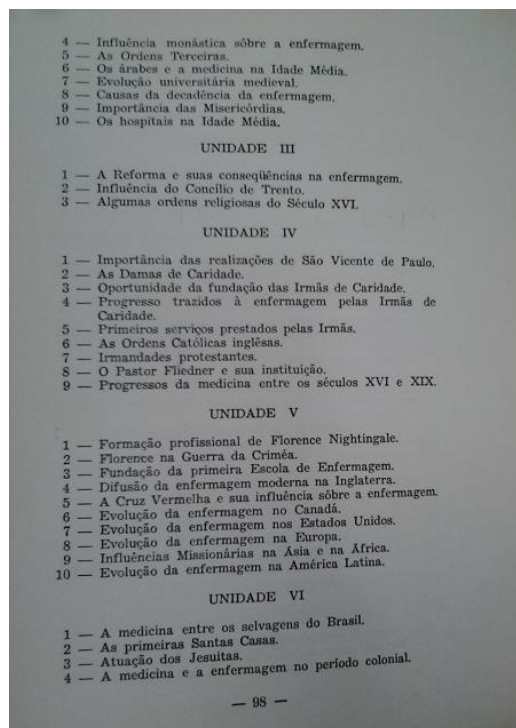
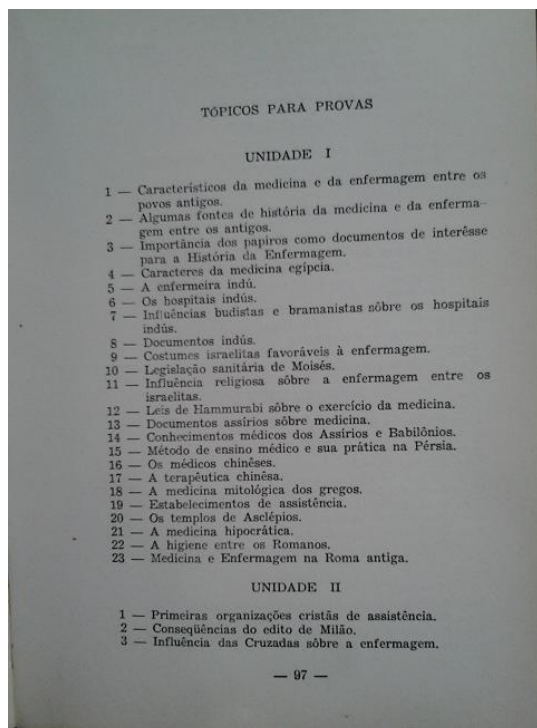
As relações que regem a produção de sentidos através da materialidade e textualidade do livro, vale destacar, são caracterizadas por um movimento contraditório. Por um lado, cada leitor é confrontado por todo um conjunto de constrangimentos e regras. O autor, o editor, o comentador, enfim, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para ler nas entrelinhas e subverter as lições impostas são infinitos (CHARTIER, 1994, p. 07 - 10).

O livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, visou instituir um ordenamento acerca das reflexões sobre a história da enfermagem. Sua materialidade e estética textual, conforme preconiza Chartier (1994), sugerem, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis.

Compreende-se, desta forma, que as obras estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, segundo Chartier (1994), os autores sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar).

5.1.3 Representações de Apreciação do Conhecimento

No que tange aos elementos pós-textuais, situados entre a parte-textual e o fim do livro, foi possível identificar, na obra em análise, o Índice e o “Tópico para as Provas”. As edições do livro não apresentam outros elementos citados por Araújo (2008, p. 430), tais como posfácio, apêndice, colofão, glossário e bibliografia.



Imagens 36, 37 e 38 – Imagens do item “Tópico para as Provas” – 2ª edição do livro de Waleska Paixão.

Uma característica importante observada foi o item “Tópico para as Provas”, que aparece ao final do livro, antes do Índice. Organizado de acordo com as unidades temáticas, esse elemento, de características didáticas, elenca os tópicos necessários/relevantes para serem estudados. Organizar um livro com um espaço

destinado a destacar os itens de relevância a serem estudados pressupõe a participação do público que se pretendia alcançar. Apesar de não reservar um espaço para escrita, infere-se que esperava-se que estas voltassem seus estudos para cada tópico destacado, deixando claro a representação de uma competência intelectual esperada delas.

Já o índice aparece com três importantes alterações ao longo das edições. Na primeira edição do livro, o mesmo, intitulado como Índice Remissivo, é apresentado linha a linha, indicando, em ordem alfabética, as páginas de cada assunto abordado, possibilitando ao leitor ir direto a um assunto específico, sem precisar folhear todo o livro em busca do que procura. Já a segunda edição, apresenta um índice organizado de acordo com o ordenamento dos assuntos dentro do livro, localizando apenas os temas gerais, através dos títulos das suas seções principais, o que limita o leitor ao buscar assuntos ou destaques específicos no interior da obra.

| ÍNDICE REMISSIVO | |
|---|--|
| Abadesses, 28 | Áustria, 13 |
| Abela, 31 | Associação Americana de Enfermeiras, 55 |
| Africa, 61 | Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, 76, 86 |
| Africana, Regiões, 63 | Divisão de Saúde Pública, 78 |
| Agrícola, Ernani, 80 | fundação da, 80 |
| Abramson, 18 | Associação de Enfermeiras da Alemanha, 59 |
| Aikenhead, Maria, 43 | Associação de Enfermeiras da Dinamarca, 59 |
| Albacar, 30 | Associação de Enfermeiras Italianas, 58 |
| Alemanha, 25, 27 | Associação Inglesa de Enfermeiras, 52 |
| enfermagem na, 58 | Associação de Enfermeiras Francesas, 57 |
| Alexandria, 22 | Associação Nacional de Enfermeiras da Noruega, 60 |
| biblioteca de, 19 | Associação de Socorros de Feridos de Guerra, 57 |
| escala de, 10, 20 | Associação de Superintendentes da Escola de Enfermagem, 55 |
| Anápolis, Sacramento da, 83 | Associação de Voluntárias "Ana Neri", 79, 84 |
| América do Norte, Diáconias na, 44 | atividades da, 84 |
| American Journal of Nursing, 50 | Associação de Classe, 53 |
| Anna de Enfermagem, 77, 81, 86 | Astros, influência dos, 12 |
| Archives, 47 | Atenas, 24 |
| Andrade e Silva, José Bonifácio de, 69 | Austrália, 43, 59, 63 |
| Anglicanismo, 35, 36 | Auxiliares de Enfermagem, 83 |
| Antidotarium, 31 | Avençar, 20 |
| Apoia, 18 | Averroes, 30 |
| Archie, Influência na Medicina, 30 | |
| Argentina, 64 | |
| Escola da Cruz Vermelha, 64 | |
| Escola do Ministério de Saúde Pública, 64 | |
| Aristóteles, 22 | |
| Asclepiades, 19 | |
| Asclépias, 18 | |
| Atena, 61 | |
| Aula Menor, 63 | |
| Auka, 13 | |

| ÍNDICE | | Pág. |
|--|-------|------|
| Prefácio da 1.ª edição | | 2 |
| " da 2.ª edição | | 3 |
| Introdução | | 5 |
| Unidade I - Origens da enfermagem | | 7 |
| " II - Período da unidade cristã | | 20 |
| " III - Período crítico da enfermagem | | 33 |
| " IV - Precusores da enfermagem moderna | | 36 |
| " V - Florence Nightingale e a renovação da enfermagem | | 43 |
| " VI - Enfermagem do Brasil | | 67 |
| " VII - A enfermagem e a psiquiatria | | 93 |
| Tópicos para prova | | 97 |
| Anexo I - Lei n.º 775 de 6/8/49 - Dispõe sobre o ensino da enfermagem no país e dá outras providências | | 100 |
| " II - Decreto n.º 27.426 de 14/11/49 - (Regulamenta a Lei 775/49) | | 104 |
| " III - Relação das escolas de enfermagem e de auxiliares de enfermagem existentes em 1959 | | 118 |

Imagens 39 e 40 – Imagens do Índice, das 1ª e 2ª edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão.

Já a 3ª e 4ª edições apresentam um índice diferenciado, adequado também à forma de apresentação dos temas, onde os assuntos aparecem divididos segundo a organização temática dos livros, tornando a leitura e a busca pelos assuntos de interesse ainda mais prática e operacional para o leitor. O destaque se dá pelo detalhamento das informações, facilitando a busca de itens específicos na sua parte textual.

Essa ordenação sistemática e não alfabética da estrutura do livro, segundo Araújo (2008), são características de um sumário, elemento pré-textual de um livro. Ao

reproduzir com fidedignidade o enunciado da organização do livro no item Índice, como elemento pós-textual, Waleska e seus colaboradores de autoria, se equivocam, nas 2^a, 3^a e 4^a edições. A 5^a edição, apesar de trazer também o referido item em sua publicação, o fez na parte pré-textual, caracterizando a função de um sumário, porém denominado ainda como Índice, conforme já abordado anteriormente.

| | Pág. |
|--|------|
| Prefácio da primeira edição | 7 |
| Prefácio da segunda edição | 9 |
| Introdução | 11 |
| Unidade I Origens da Enfermagem | 12 |
| Enfermagem no Egito | 13 |
| Na Índia | 15 |
| Na Palestina | 15 |
| Na Assíria e em Babilônia | 16 |
| Na Pérsia | 17 |
| Na China | 18 |
| No Japão | 18 |
| Na Grécia | 21 |
| Em Roma | 21 |
| Unidade II Período da Unidade Cristã | 24 |
| Diaconos | 26 |
| Vida religiosa | 26 |
| Monaquismo | 27 |
| As grandes abadessas | 28 |
| Ordens militares | 29 |
| Ordens seculares | 31 |
| Influência Árabe na Medicina | 31 |
| Escolas de Medicina | 32 |
| Deradência da Enfermagem | 34 |
| As Misericórdias | 34 |
| Evolução dos hospitais | 35 |
| Unidade III Período crítico da Enfermagem | 37 |
| Reforma religiosa | 37 |
| Concílio de Trento | 38 |
| Unidade IV Precursores da Enfermagem Moderna | 40 |
| R. Vicente de Paulo | 40 |
| Ordem católica inglesa | 44 |
| Tentativas protestantes | 44 |
| Tentativas leigas | 45 |
| Progresso da Medicina e das Ciências | 45 |

| | Pág. |
|-----------------------------------|------|
| Prefácio da 1 ^a edição | 7 |
| Prefácio da 2 ^a edição | 9 |
| Introdução | 11 |
| Unidade I | |
| Origens da Enfermagem | 13 |
| Tempos Antigos | 14 |
| Egito | 14 |
| Índia | 15 |
| Palestina | 15 |
| Assíria e Babilônia | 16 |
| Pérsia | 17 |
| China | 18 |
| Japão | 18 |
| Grécia | 21 |
| Roma | 21 |
| Unidade II | |
| Período da Unidade Cristã | 26 |
| Diaconos | 29 |
| Diaconias e Xenodóquia | 30 |
| Vida religiosa | 30 |
| Monaquismo | 31 |
| As grandes abadessas | 32 |
| Ordens militares | 32 |
| Ordens seculares | 35 |
| Influência Árabe na medicina | 39 |
| Escolas de medicina | 40 |
| Deradência da Enfermagem | 42 |
| As Misericórdias | 43 |
| Evolução dos hospitais | 44 |

Imagens 41 e 42 – Imagens do Índice, das 3^a e 4^a edições, respectivamente, do livro de Waleska Paixão.

Ao analisar os elementos pós-textuais das edições do livro de Waleska Paixão, pode-se perceber e confirmar as representações de competência intelectual e do aspecto didático que a obra faz refletir, através de quem o escreveu, como o escreveu e o público que se pretendia alcançar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, num contexto de lutas e cientificação da profissão, enquanto suporte para a transmissão de um saber, despertou as questões que nortearam este estudo.

Enquanto integrante de um grupo de pesquisas onde um dos focos é o estudo do livro, impossível não imergir e encantar-se pela riqueza de tal objeto. Debruçar-se sobre a história da enfermagem através desse documento histórico e objeto cultural, nos permitiu encontrar as características e indícios do espaço social onde ele foi escrito e o entendimento e intenções do seu autor. Tudo o que está ali contido transcende suas páginas. Investigar o livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, significou, assim, muito mais do que o simples cumprimento de uma necessidade acadêmica.

A análise do livro na perspectiva da Nova História Cultural, tendo como fio condutor as suas representações, compreendidas através de estudo sobre a materialidade e a estética textual da referida obra, enquanto potencial revelador das formas, usos e efeitos da escrita na determinação de um campo concorrencial, nos possibilitou remontar o seu contexto de produção e seus significados.

A preocupação com o ensino e a influência norte-americana na consolidação da chamada Enfermagem Moderna foram fatores que direcionaram a formação pensada de líderes da enfermagem, que angariariam posições estratégicas no campo da saúde e da educação. Fatores estes que nortearam o processo de formação e profissionalização da enfermagem, numa incessante busca pela qualidade. Waleska Paixão foi uma dessas personalidades buriladas, formadas pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas, cuja prática, conhecimentos e produção científica tiveram destaque no campo da enfermagem ao longo de alguns anos.

Fatores como a formação, a atuação profissional e o direcionamento influente por parte de Laís Netto dos Reys, colocaram Waleska Paixão em posição de destaque. Enquanto uma autoridade preparada para enunciar o que era verdadeiro, cuja hierarquia das ordens e do poder era ao mesmo tempo uma hierarquia das posições sociais e da credibilidade da palavra, Waleska Paixão, destacou-se ao publicar o livro *Páginas de*

História da Enfermagem, em cinco edições (sua primeira edição data de 1951 e a última edição identificada data de 1979).

Configurar a história da enfermagem enquanto um saber da profissão é um dos objetivos da publicação da obra. E, ao analisar o livro do ponto de vista de sua materialidade e estética textual, foi possível identificar as estratégias mobilizadas pela autora para exercer um controle sobre uma leitura de mundo. Uma leitura nos moldes em que ela não só acreditava, mas queria fazer com que os demais acreditassem: uma história permeada pelas representações de religiosidade e institucionalização da profissão.

Diversas representações puderam ser descortinadas durante a análise do livro, alinhando aspectos contextuais e históricos da profissão. Representações de religiosidade, autoridade, poder e institucionalização do saber foram marcadas nos elementos pré-textuais do livro. A capa do livro, ao passar a trazer imagens em sua composição, por si só deixou explícita a amplitude do seu entendimento e significados.

Esses signos deveriam chamar a atenção do leitor para a construção do sentido que se pretendia inculcar no seu inconsciente: a ideia da religiosidade que permeava a profissão e dos ideais que norteavam a mesma.

Desta forma, foi possível compreender que as obras estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. De fato, os autores visaram fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deveria impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, não se pode ignorar o fato de que o leitor é livre, e essa liberdade influencia numa recepção, que também inventa, desloca e distorce.

Páginas de História da Enfermagem é um objeto histórico ainda repleto de horizontes a serem analisados. Este estudo apenas evidenciou o amplo campo de análises e discussões possíveis acerca da obra e da construção da história da enfermagem. Ainda na perspectiva da Nova História Cultural, aspectos como os indícios de circulação do livro, a recepção da obra pelo público visado, as suas formas de apropriação e o processo de construção de conhecimentos da história da enfermagem no Brasil, são portas abertas deixadas por este estudo, para que novos aprofundamentos e análises possam ser feitos.

Mergulhar nas páginas de Waleska Paixão proporcionou discussões e reflexões que nos faz pensar que este foi apenas um primeiro passo. Novos estudos se fazem necessários para a observação da expressividade da obra frente a importância do tema à época. Já foi possível compreender que a materialidade do livro afeta a construção do sentido do texto e ao mesmo tempo que aponta para os seus traços de circulação, descortina também as possibilidades de apropriação do livro.

Compreender as representações incutidas no processo de construção de um livro de história da enfermagem, considerado o primeiro escrito por uma enfermeira brasileira, possibilitou um aprofundamento e uma melhor apreensão dos elementos que norteiam a história da profissão. Uma história que pode ser contada de diversas formas, por diversas pessoas. Entendê-la através do olhar e da escrita de outros. O que a deixa mais interessante, complexa e encantadora.

Deste modo, nesta investigação, considerando as possibilidades de uma leitura representativa da obra e os limites inerentes a primeira experiência, conclui-se que, o livro *Páginas de História da Enfermagem*, de Waleska Paixão, ordenou reflexões relativas à história da enfermagem, por meio da força de suas representações da profissão. Um olhar particular sobre as páginas de uma história em constante construção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. **O Saber da Enfermagem e sua Dimensão Prática**. São Paulo: Cortez, 1989; 2ª edição.

ALVES, A.P.C.; SILVA JÚNIOR, O.C. Páginas de História da Enfermagem: o jubileu de ouro de uma obra (1951-2001). **Esc Anna Nery R Enferm** 2006 ago; 10(2): 181-6.

ARAÚJO, M.A. **História da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo: gestão Celina Viegas**. Belo Horizonte (MG): Escola de Enfermagem/UFGM; 2002.

ARAÚJO, E. **A Construção do Livro**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; São Paulo: Fundação Editora da Unesp. 2ª ed. revisada e atualizada, 2008.

ARAÚJO NETO, M.L. Sobre a Materialidade dos Livros e seus Sentidos. **Rev. de Letras** – nº 28 – Vol. 1/2 – jan/dez. 2006.

ARÓSTEGUI, J. **A Pesquisa Histórica: Teoria e Método**. Bauru (SP): Edusc, 2006.

ARRUDA, J.J.A.; PILETTI, N. **Toda a história: história geral e do Brasil**. São Paulo: Editora Ática; 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Levantamento de recursos e necessidades em enfermagem no Brasil, 1956–1958**. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem; 1980.

AYRES, L.F.A. A representação do parto normal a partir da obra “Parto natural – guia para os futuros pais”: um modelo de parir em meados do século XX. Orientador: Wellington Mendonça de Amorim. **Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências)** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

AZEVEDO, J.M.; CARVALHO, V.; GOMES, M.L.B. Waleska Paixão: uma Biografia a Serviço da Enfermagem Brasileira. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2009 jan-mar; 13 (1): 31-35.

BAPTISTA, S. de S.; BARREIRA, I. de A. **A luta da enfermagem por um espaço na universidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 194p.

BARREIRA, I.A. Memória e História para uma nova visão da enfermagem no Brasil. **Rev. latino-am. enfermagem** - v. 7 - n. 3 - p. 87-93 - julho 1999.

BARREIRA, I.A.; BAPTISTA, S.S.; CARDOSO, T.C.F.S.; PERES, M.A.A. Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas no contexto da Aliança Brasil-Estados Unidos: II Guerra Mundial e Pós-Guerra. **Hist. Enf. Rev. Eletr. (HERE)**, vol.

1, n. 1, 2010, p. 02-23. Disponível em: http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/n1vol1ano1_artigo1.pdf, acessado em 04/03/2015.

BARROS, J.A. A história cultural Francesa – Caminhos de Investigação. **Revista de História e Estudos Culturais**. Outubro/Novembro/Dezembro de 2005. Vol. 2 Ano II, nº 4. Disponível em: www.revistafenix.pro.br, acessado em 18/01/2014.

CARVALHO, A.C. **Orientação e Ensino de Estudantes De Enfermagem no Campo Clínico**. São Paulo, 1972, 126p. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

CARVALHO, A.C. **Associação Brasileira de Enfermagem, 1926 – 1927. Documentário**. Rio de Janeiro: ABEn, 1976.

CARVALHO, V. Saltos evolutivos da enfermagem: documentos históricos da EEAN / UFRJ – 1951 à 1974. Vilma de Carvalho e Jussara Sauthier. Rio de Janeiro: EEAN, 2008.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary del Priore, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Tradução de Maria de Lourdes Meireles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHARTIER, R. [et al]. **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 4ª ed.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução: Antunes, C. 2ª edição. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHARTIER, R. Aula inaugural no *Collège de France*. In: ROCHA, João Carlos de Castro (Org.). **Roger Chartier - a força das representações: história e ficção**. Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, R. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. Tradução: Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CYSNE, R.P. A Economia Brasileira no Período Militar. **Est. Econ.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 185 – 226, mai-ago, 1993.

DROYSEN, J.G. **Manual de teoria da história**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DUTRA, E.F. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 67 - 87.

EL FAR, A. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 89 - 99.

FÁVERO, M.L.A. O pesquisador e o desafio das fontes. In: **História da educação: desafios teóricos e empíricos**. MENDONÇA, A.W.C.P.; ALVES, C.; GONDRA, J.G.; XAVIER, L.N.; BONATO, N.M.C. (orgs.). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 111-123.

FRADE, I.C.A.S. Livros para ensinar a ler e a escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 171 - 190.

FREDERIKSEN, K. A discourse analysis comparing Danish textbooks for nursing and medical students between 1870 and 1956. **Nursing Inquiry** 2010; 17 (2): 151-164.

FREIRE, M.A.M.; AMORIM, W.M. A Enfermagem de Saúde Pública no Distrito Federal: A Influência do Relatório Goldmark (1923-1927). **Esc Anna Nery Rev Enferm**, 2008 mar; 12 (1): 115-24.

FREIRE, M.A.M. As representações da técnica no livro “Técnica de enfermagem”, de Zaíra Cintra Vidal (1933-1963) / 268 f. Orientador: Wellington Mendonça de Amorim. **Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências)** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. São Paulo: Ed. Graal, 1992.

GERMANO, R.M. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 3ª ed., 1993.

GUEDES, P.C. **Da redação à produção textual; o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALLEWELL, L. **O Livro no Brasil: sua História**. [tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] – 3. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

KRUSE, M.H.L. Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado. **Rev Bras Enferm** 2006; 59(esp): 403-10.

LIMA, T.G.F.M.S.; BAPTISTA, S.S. Circunstâncias de criação das escolas de enfermagem do estado do Rio de Janeiro. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2000 ago; vol. 4, n. 2, p. 197 – 208.

LIMA, G.C.; MARIZ, A.S. Editora Civilização Brasileira: novos parâmetros na produção editorial brasileira. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 253 - 270.

MARQUES NETO, J.C.; ROSA, F.G. Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 331 - 347.

MEDEIROS, M.; TIPPPE, A.F.V.; MUNARI, D.B. A Expansão das Escolas de Enfermagem no Brasil na Primeira Metade do Século XX. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet] 2008; 10(1). Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3aXX.htm>

MOREIRA, A. **Profissionalização da Enfermagem Brasileira**. / Almerinda Moreira, Taka Oguisso. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

MOTT, M.L.; TSUNECHIRO, M.A. Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da Enfermagem Profissional no Brasil. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 5, p. 592-599, set./out., 2002.

NASCIMENTO, E.S.; SANTOS, G.F.; CALDEIRA, V.P. **Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado**. Belo Horizonte (MG): EECC/UFMG; 1999.

PADILHA, M.I.C.S.; SOBRAL, V.R.S.; LEITE, L.M.R.; PERES, M.A.A.; ARAÚJO, A.C. Enfermeira – a construção de um modelo a partir do discurso médico. **Rev. Esc. Enf. USP**. v.31, n.3, p.437-51, dez, 1997.

PADILHA, M.I.C.S.; BORENSTEIN, M.S. História da Enfermagem: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade. **Esc Anna Nery R Enferm** 2006 dez; 10 (3): 532 - 8.

PAIXÃO, W. **Entrevista concedida às professoras Ieda de Alencar Castro Barreira e Raimunda da Silva Becker**. Rio de Janeiro (RJ): ABEn/EEAN; 1998. 3 fitas.

PAIXÃO, W. Nova etapa. **Cinco p'ras Dez**, Belo Horizonte, 1936 jul; 2 (12) .

PELLON, L.H.C. **As representações científicas da assistência na revista Ceará Medico (1931-1935)**. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Enfermagem e Biociências) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, dezembro/2013.

PORTO, F. **Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no *Click* Fotográfico (1919-1925)**. Tese (Doutorado). Orientadora: Tânia Cristina Franco Santos. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 2007. 174 p.

PORTO, F.; SANTOS, T.C.F. Sede da Cruz Vermelha no Brasil completa cem anos. **Revista de História.com.br**. Publicado em 17/11/2008 (2008). Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/historia-da-enfermagem>, acessado em 06/10/2014.

RODRIGUES, M.A.; GOMES, C.; ALMEIDA, R. Documento *ad usum et beneficium* Curso de Enfermeiros. **Revista Referência**. IIª Série – nº 8 – Dez. 2008, p. 87-90.

SÁ EARP, F.; KORNIS, G. Em queda livre? A economia do livro no Brasil (1995 – 2006). In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (Orgs.) **Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 349 - 362.

SALMON, P. **História e Crítica**. Coimbra: Editora Almedina, 1979, p. 60-180.

SANTOS, G.F.; RODRIGUES, F.C.; LIMA, S.M. A Enfermeira Carlos Chagas: alunas diplomadas pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas no período de 1933 a 1950. **REME – Rev. Min. Enf**; 8(4):475-482, out/dez, 2004.

SANTOS, G.F.; CALDEIRA, V.P.; MOREIRA, S.A. A inserção de Waleska Paixão na Enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2010 abr-jun; 14 (2): 268-274.

SILVA, R.M. **Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras: a contribuição para o ensino de enfermagem no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TOLEDO, J.R; SANTOS, T.C.F.; ARAÚJO, M.A.; ALMEIDA FILHO, A.J. Emblemas e Rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. **Esc. Anna Nery**. 2008; 12(2): 243 – 250.

VIDAL, Z.C. O triângulo da enfermeira (editorial). **Annaes Enferm** 1934 abr; 2(3): 11-12.

DOCUMENTOS

Documento-Objeto

PAIXÃO, W. **Páginas de História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1951.

PAIXÃO, W. **Páginas de História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1960, 2ª edição.

PAIXÃO, W. **Páginas de História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1963, 3ª edição.

PAIXÃO, W. **História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1969, 4ª edição.

PAIXÃO, W. **História da Enfermagem**. Rio de Janeiro: Júlio C. Reis Livraria, 1979, 5ª edição.

Obras de Apoio à Análise

GERMANO, R.M. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1985, 2ª edição.

SILVA, G.B. **A Enfermagem Profissional: análise crítica**. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, G.B. **A Enfermagem Profissional: análise crítica**. São Paulo: Cortez, 1989, 2ª edição.

PIRES, D. **Hegemonia Médica na Saúde e a Enfermagem – Brasil: 1500 a 1930**. São Paulo: Cortez, 1989.

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais – EE/UFMG

Imagem de Waleska Paixão, disponível no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG, com subtítulo “*Enfermeira Waleska Paixão, Diretora da EECC de 1939 a 1948. Acervo da Escola de Enfermagem da UFMG*”.

Imagem de Waleska Paixão em reunião na então denominada EECC, disponível no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG.

Relatório de empréstimos do livro *História da Enfermagem*, 5ª edição, 1979, de 2008 aos dias atuais, coletado no sistema PERGAMUM, disponibilizado pela Biblioteca do *Campus Saúde* da UFMG.

Carta escrita por Waleska Paixão, ainda quando era aluna, intitulada “O que és para mim – ao doente desconhecido”, publicada no periódico **A Enfermagem em Minas**, ano II, julho/agosto 1937, n. 7, p. 28.

Perfil feminino – Dona Waleska Paixão: uma vida lutando por um ideal: defesa da Enfermagem. **Revista do D.C. RJ**, 31/08/1952, p. 12.

PAIXÃO, W. Uma Pioneira. **Anais de Enfermagem**, vol. XVI, abril/junho 1947, n. 23, p. 28.

Waleska Paixão: 7ª diretora – 1950 a 1968. As diretoras da Escola de Enfermagem Anna Nery. [s/n] [s/a] p. 59 – 62.